

49. No original, *Loxias*: epíteto de Apolo, significando "oblíquo", alusivo à obscuridade de seus oráculos.
50. Alusão a Egisto.
51. Cila: monstro marinho famoso na mitologia grega.
52. Lício: epíteto de Apolo (literalmente: matador de lobos).
53. Insignias da condição de profetisa.
- 53a. Alusão a Orestes. "Nosso": de Cassandra e de Agamêmnon. Veja-se a nota 22.
54. A repetição "mortos", "morrer", "mortes" está no original. Veja-se a nota 37.
55. A mudança de metro, no original, procura acentuar a modificação dos sentimentos dos anciãos do coro ante a consumação do crime. Logo depois é retomado o metro anterior.
56. Criseida era uma escrava troiana que Agamêmnon mantinha em sua tenda durante o cerco de Tróia. Clitemnestra generaliza, falando no plural, para enfatizar a infidelidade de Agamêmnon.
57. "Muitas", "muitas": vejam-se as notas 37 e 54.
58. Descendentes de Tântalo: Agamêmnon e Menelau eram bisnetos de Tântalo.
59. Tentativa de tradução do jogo de palavras no original (*kratos... kratýneis*).
60. Hades: morada dos mortos.
61. Alusão à futura morte de Clitemnestra e de Egisto nas mãos de Orestes, nas *Coéforas*.
62. Aqueronte: veja-se a nota 45.
63. Neste trecho há três jogos de palavras (versos 1813-1815 e 1816-1817), que se tenta conservar na tradução: "baixeza... baixezas"; "é levado... quem quer levar"; "mandar... mandamento".
- 63a. Plistenidas: descendentes de Plistenes, filho de Pêlops e de Hipodâmia e portanto irmão de Atreu e de Tiestes.
64. A partir daqui a mudança de metro procura acentuar a crescente exaltação dos personagens.

49. 18

COÉFORAS

Época da ação: idade heróica da Grécia (cerca de 1200 a.C.).
Local: Argos, na Grécia.
Primeira representação: 458 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

ORESTES, filho de Agamémnon e de Clitemnestra
CORO, composto de escravas
ELECTRA, irmã de Orestes
CLITEMNESTRA, viúva de Agamémnon e amante de Egisto
ESCRAVO
AMA
PILADES, amigo inseparável de Orestes
EGISTO, amante de Clitemnestra

CENÁRIO

Ao fundo vê-se o palácio do finado Agamémnon, com três portas, sendo uma delas do gineceu. No centro da cena está o túmulo de Agamémnon. ORESTES e PILADES entram em cena juntos.

ORESTES¹

Hermes² das profundezas infernais, que velas
pelo poder paterno, vem juntar-te a mim,
vem logo e salva-me como aliado nosso,
a quem elevo nesta hora minhas preces!
Volto do exílio agora para minha terra...

(Subindo ao túmulo de Agamémnon.)

Do alto deste túmulo, meu pai, imploro:
ouve-me e atenta a esta minha invocação!

(ORESTES corta uma mecha de seus cabelos e a põe sobre o túmulo.)

Desejo consagrar a Ínaco³ esta mecha
de meus cabelos, pois ele cuidou de mim
em minha infância; esta segunda mecha, pai,
deponho aqui como demonstração de luto...
Não estive presente para lamentar
a tua morte; não ergui as minhas mãos
na hora em que teu corpo foi posto no túmulo...

(Aproxima-se um grupo de mulheres usando roupas de luto.)

Que vejo agora? Que mulheres serão estas
aproximando-se com longos véus sombrios?
Em que funesto evento deverei pensar?
Algum desastre novo acaba de atingir
este palácio? Ou devo, então, imaginar
que estas mulheres vêm trazendo libações

↳ ato de beber

a meu finado pai, dessas que se destinam
a consolar os mortos? Não é outra coisa
pois já percebo Electra, minha irmã querida,
marchando sob o peso de uma dor amarga.
Ah! Zeus! Concede-me a ventura de vingar
a morte de meu pai! Traze-me a tua ajuda!

25

(Dirigindo-se a PÍLADES.)

Tratemos de ocultar-nos por enquanto, PílaDES;
quero saber exatamente o que pretendem
estas mulheres nesse ritual funéreo.

(ORESTES e PÍLADES escondem-se; entra o CORO,
composto de escravas, com ELECTRA à frente.)

CORO

Mandaram-nos sair lá do palácio
para trazer as oferendas fúnebres
com nossas mãos em movimentos rápidos.
Em nosso rosto há marcas cor de sangue,
sulcos feitos por nossas próprias unhas,
pois nossos corações todos os dias
nutrem-se apenas de muitos gemidos;
fazendo soluçar o próprio linho
de nossas roupas, a dor desgastou
os véus dobrados sobre nossos peitos
agitados por males incontáveis
que afastam o riso de nossas faces.
Numa linguagem nítida que eriça
nossos cabelos, a força profética
cheia de inspiração nos vem falar
pela voz inequívoca dos sonhos
nesta morada, exalando vingança
em pleno sono, do fundo da noite,
no centro do palácio, proferindo
num espantoso grito o santo oráculo
que vem cair com seu imenso peso
nos quartos onde vivem as mulheres.
Os argutos intérpretes de sonhos,
elucidando a vontade dos céus,
inspirados por um sopro divino

30

35

40

45

50

declaram que o defunto sob a terra
externa sem cessar sua amargura
e a cólera contra seus assassinos.

55

Pretendendo com este agrado ingrato^{profana}
livrar-se da iminente punição,
ela nos manda agora até aqui
- ah! terra mãe! -, essa mulher sacrílega!

60

Mas temos medo de pronunciar
as palavras que ela mandou dizer.

De fato, que reparação existe
para o sangue caído sobre a terra?

65

Ah! Lar extremamente infornado!

Ah! Casa totalmente aniquilada!

As trevas fechadas ao próprio sol
e detestadas pelos homens, cobrem
todo o palácio do rei que morreu.

70

A majestade antiga, resistente,
invicta, inatacável, que existia
na alma e nos ouvidos deste povo
agora se desfaz; mas há temor!

Para os mortais o sucesso é um deus
e mais que um deus; entretanto a balança

75

da justiça serena está atenta
e colhe alguns em plena luz, a outros
leva mais tarde sofrimento intenso
e a moite interminável/ceifa muitos^{5a}.

80

Quando o sangue é sorvido pela terra
nutriz de todos, até saturá-la,
ao menos um coágulo perdura
intacto e nunca se dissolverá;
um dia sairá dele a vingança.

85

A mais cruel de todas as desditas
é o preço da demora do castigo,
e a quem tiver a culpa caberá
no fim a ruína total e completa.

Da mesma forma que não existe remédio
para a violação da virgindade,
todos os cursos d'água reunidos
numa torrente impetuosa e única
para lavar a mácula indelével
das mãos sujas do sangue derramado
terão fluído inteiramente em vão.

90

A nós, que aqui estamos - já que os deuses

95

mandar/ que n se
apaga

lançaram a nojenta servidão
sobre a nossa cidade (eles tiraram-nos
de nossas casas para a escravidão) -,
somente cabe-nos, a contragosto, 100
conter o nosso ódio mais amargo
e submeter-nos a todas as ordens,
justas ou injustas, de nossos senhores,
mas sob os nossos véus sentimos muito
os duros golpes do destino cego 105
que vitimaram nosso rei - coitado! -,
e o luto que temos de disfarçar
faz-nos sentir o coração gelado.

(Após alguns momentos de silêncio ELECTRA dirige-se
ao CORO.)

ELECTRA

Criadas desta casa, que devidamente 110
cuidais dos afazeres de todos os dias,
já que viestes caminhando até aqui
comigo para perfazermos em conjunto
os ritos propiciatórios, dai-me agora
vossos conselhos quanto ao que tem de ser feito.
Que deverei dizer quando for derramar 115
estas funéreas oferendas? Como achar,
neste momento repleto de hesitações,
palavras agradáveis? Como anunciar
a prece a meu querido pai? Direi apenas
que sou a portadora destas homenagens 120
a um esposo amado de uma esposa amante
- de minha mãe? Não estou convencida disto,
nem sei o que irei falar ao espargir
as libações sobre o sepulcro de meu pai.
Ou deverei fazer a alocação que os homens 125
costumam proferir, dizendo-lhe somente
que retribua o gesto de quem as envia
com males comparáveis às calamidades
inomináveis que ela lhe proporcionou?
Ou em silêncio e humilhada, como estava 130
meu pai quando o mataram, devo derramar
de uma só vez as libações para que a terra
possa bebê-las, e revertendo meus passos

voltar ao palácio real como quem chega 135
depois de ver sua oferenda recusada,
jogando para trás o vaso sem olhá-lo?
Compartilhai comigo vossos bons conselhos,
pois vós também sentis comigo o imenso ódio
comum a todas nós no lar que era do rei.
Não deveis ocultar apenas por temor 140
os vossos sentimentos; a hora fatal
há de chegar tanto para as pessoas livres
como para quem foi um dia escravizado
pelas mãos poderosas de quaisquer senhores. 145

(Dirigindo-se ao CORIFEU.)

Fala, se tuas sugestões forem melhores!

CORIFEU - *Responde de vez no
teatro que?*

Em reverência à sepultura de teu pai,
como diante de um altar, direi agora
meus pensamentos mais recônditos, se ordenas.

ELECTRA

Fala em respeito à sepultura de meu pai! 150

CORIFEU

Na mesma hora de espargir as libações,
dize palavras agradáveis aos amigos.

ELECTRA

E quem, entre os parentes, devo mencionar?

CORIFEU

Primeiro tu; depois, quem quer que odeie Egisto.

ELECTRA

Farei então a prece por mim e por ti? 155

CORIFEU

Pensa tu mesma nisto, usando teu bom senso.

ELECTRA

Devo incluir em minha prece mais alguém?

CORIFEU

Pensa em Orestes, inda que ele esteja ausente.

ELECTRA

É boa a idéia! Alertas-me sensatamente.

CORIFEU

Agora pensa nos culpados pelo crime. 160

ELECTRA

Que deverei dizer? Não tenho experiência...
Sê mais explícita a propósito da prece.

CORIFEU

Pede que um deus ou algum mortal venha enfrentá-los!

ELECTRA

Queres dizer como juiz, ou vingador?

CORIFEU

Fala bem claro: alguém que mate quem matou! 165

ELECTRA

Seria piedoso este pedido aos deuses?

CORIFEU

Não queres desejar o mal aos inimigos?

(ELECTRA segura o vaso que uma das escravas lhe entrega, derrama a água lustral e começa a espargir as libações sobre o túmulo.)

ELECTRA

Supremo mensageiro entre os vivos e os mortos,
Hermes das profundezas, vem logo ajudar-me!

Convoca para ouvirem minha invocação
os infernais espíritos cuja incumbência

170

é proteger a casa em que viveu meu pai,
e a própria terra, origem de todas as coisas,
que depois de nutri-las torna a receber

175

em seu seio o germe fecundo! Quanto a mim,
dando aos finados estas oferendas puras
venho invocar meu pai dizendo-lhe: "Apieda-te
de mim e de Orestes querido! Como, pai,
poderemos ser donos de nosso palácio?

180

Vivemos hoje indignamente, sem destino,
vendidos por aquela que nos deu à luz,

por ela, que escolheu Egisto para seu amante,
Egisto, sim, seu cúmplice em teu extermínio!

185

Estou sendo tratada como escrava, Orestes
foi despojado de seus bens, enquanto eles
agora tripudiam insolentemente

sobre os bens valiosos que tu conquistaste
com tanta valentia! Que um feliz acaso

traga de volta Orestes! Eis a minha súplica;
ouve-me, pai! Concede-me que eu seja sempre
mais sensata que minha mãe e tenha as mãos

190

muito mais inocentes! São estas as preces
referentes a nós, mas quanto aos inimigos

imploro que afinal venha juntar-se a mim
um homem para te vingar, bastante forte

195

para matar teus assassinos, pai querido,
em justa retaliação (seja-me dado

juntar às minhas súplicas por bons eventos
imprecações de males contra os inimigos!).

Daí das profundezas onde estás agora
sê portador de bênçãos para nós, teus filhos,

200

aqui em cima, graças aos deuses, à Terra
e à Justiça mensageira da Vitória!"

(Derramando libações sobre o túmulo.)

Veu derramar as libações com minhas preces!

(Dirigindo-se às mulheres do CORO.)

Cabe-vos encerrá-las com lamentações
em altos brados, num hino fúnebre ao morto! 205

CORO

Corram, então, as nossas muitas lágrimas,
pranto de morte ao nosso senhor morto
neste refúgio contra o mal e o bem (túmulo)
para apagar a mácula maldita,
enquanto fluem estas libações. 210

Ouve-nos! Ouve, senhor excelente,
o apelo de minha alma envolta em luto!
Ai! Ai de mim! Que varão poderoso
virá livrar do jugo este palácio
portando em suas mãos um arco cítio^{6a}
e a espada cuja lâmina e o punho
confundem-se para lutar de perto? 215

ELECTRA

A terra e meu querido pai já receberam
as libações, mas partilhai minha surpresa!

CORIFEU

Dize o que vês! Meu coração dança de espanto! 220

ELECTRA

Vejo uma mecha de cabelos, oferenda
recém-cortada sobre a tumba de meu pai!

CORIFEU

De um homem ou de moça de cintura fina?

ELECTRA

Qualquer pessoa poderia adivinhar.

CORIFEU

Mas como? As velhas aprendendo das mais jovens? 225

ELECTRA

Além de mim, quem poderia oferecê-la?

CORIFEU

Quem faz esta oferenda sente apenas ódio.

ELECTRA

E mais: olhando-os acho-os muito parecidos...

CORIFEU

Com que cabelos? Meu desejo é saber logo!

ELECTRA

... com os meus; observo que se parecem demais... 230

CORIFEU

Scrá que Orestes os trouxe secretamente?

ELECTRA

Sim! Esta mecha se assemelha muito às dele!

CORIFEU

Mas, como ousou Orestes vir até aqui?

ELECTRA

Ele pode tê-la mandado por alguém
para homenagear seu pai, embora ausente. 235

CORIFEU

Tuas palavras fazem-me chorar, pensando
que nunca mais seus pés pisarão esta terra!...

ELECTRA

Também sobe ao meu coração um fluxo amargo
 e me sinto ferida como se uma espada
 me houvesse traspassado. Caem de meus olhos
 ardentes, temerosas lágrimas ao ver
 esta mecha de seus cabelos. Como posso
 imaginar que mais alguém desta cidade
 tenha cabelos como estes? Muito menos
 que a homicida, minha própria mãe, pudesse
 cortá-los de sua cabeça, ela mesma,
 que maltratou impiedosamente os filhos
 e se tornou indigna do nome de mãe.
 Ah! Como poderia eu dizer agora
 que estes cabelos vêm do mortal mais querido,
 de Orestes? Mas estou sentindo que a esperança
 me acaricia... Ah! Se ela tivesse ao menos
 a voz animadora de algum mensageiro,
 a fim de que eu não vacilasse entre uma idéia
 e outra, e fosse capaz, sem qualquer dúvida,
 de desfazer-me desta mecha, horrorizada,
 se ela vem da cabeça de algum inimigo,
 ou, se de fato vem de meu querido irmão,
 de associá-la ao meu desesperado luto
 para adornar a tumba de meu pai e honrá-lo!
 Porém os deuses aos quais faço minhas preces
 sabem por que tormentas somos arrastados,
 como nautas no mar; se a sorte, todavia,
 salvar-nos do naufrágio, da semente infima
 há de surgir a árvore da redenção? (Orestes?)

(ELECTRA repõe cuidadosamente a mecha sobre o
 túmulo, e ao baixar-se percebe marcas de pés no
 chão.)

Eis aqui um segundo indício: estas pegadas
 parecidas com as minhas! Sim, aqui estão
 duas marcas de pés! As dele, com certeza,
 e as outras de algum companheiro de viagem!
 Os calcanhares e os contornos de seus pés
 se assemelham aos meus em suas proporções!
 Domina-me a aflição e me perturba a mente!

(Aparece ORESTES, seguido a certa distância por
 PILADES.)

ORESTES

(Dirigindo-se a ELECTRA.)

Faze uma prece aos deuses para que conservem
 esse teu privilégio de formular votos
 sempre exalçados, como agora, por um deles.

ELECTRA

Que graça me concedem hoje as divindades?

ORESTES

Teus olhos vêem neste instante a criatura
 que há tanto tempo desejavas encontrar!

ELECTRA

Conheces por acaso o homem que eu espero?

ORESTES

Sei que aguardavas ansiosamente Orestes.

ELECTRA

Que preces minhas são ouvidas neste instante?

ORESTES

Estou aqui; já não terás de procurar
 pessoa alguma tão amiga quanto eu!

ELECTRA

Não estarás tramando algo contra mim?

ORESTES

Então faço maquinações contra mim mesmo!

ELECTRA

E se queres apenas zombar de meus males?

- O momento
 - ele se vê nela

ORESTES

Dos meus também, se procuro zombar dos teus.

ELECTRA

Devo então dirigir-me a ti como se fosses
Orestes sem a mínima sombra de dúvida?

ORESTES

Embora me contemples não me reconheces,
mas há bem pouco tempo à vista desta mecha
de meus cabelos, cortados como um sinal
do luto que me pesa sobre o coração,
e quando ponderavas sobre estas pegadas,
teu pensamento criou asas e julgaste
que me tinhas à tua frente! Põe a mecha
de meus cabelos no lugar de onde a cortei
- de teu irmão e parecida com as tuas -
e vê como ela coincide com as minhas!

(Mostrando o manto que vestia.)

Observa este bordado, obra de tuas mãos,
os pontos das agulhas, as cenas de caça
que ainda podes ver perfeitamente, irmã!

*(ELECTRA avança precipitadamente em direção a
ORESTES e ameaça um grito de júbilo.)*

Domina-te! Não deixes que tua cabeça
se deixe transtornar pelo contentamento,
pois as pessoas que nos deviam amar
são nossas inimigas mais exacerbadas.

ELECTRA

Ah! Bem mais precioso da casa paterna!
Ah! Esperança acalentada há tanto tempo,
causa de tantas lágrimas! Confia em ti
e recuperarás o lar onde nasceste!
Ah! Presença querida que agora recibes
minha ternura quatro vezes, pois terei

de chamar-te de pai, de dar-te todo o amor
que deveria dedicar à minha mãe
(aquela que por todas as razões odeio),
de transferir-te ainda o carinho devido
à minha irmã³ sacrificada cruelmente
e de te amar por ver em ti neste momento
o irmão fiel capaz de me trazer de volta
a consideração de todos os mortais!
Que a força e a justiça, em tríplice união
com Zeus⁹ onipotente, estejam do teu lado!

ORESTES

Zeus! Zeus! Vela por nós! Parecemos filhotes
de uma altaneira águia, privados do pai
colhido e morto nos coleios, nos enlaces
de alguma víbora maligna; sós e órfãos,
podem ser vítimas da fome impiedosa,
pois nos primeiros dias falta-lhes a força
para trazerem caça ao ninho onde nasceram.
A nossa sorte - digo a minha e a de Electra -
é a mesma: jovens, sem a proteção paterna,
ambos expulsos do palácio onde nascemos.
Se permitires, Zeus, que sejam destruídas
estas crias de um pai que foi teu sacerdote
e mais que os outros homens cuidou de teu culto,
de que mãos comparáveis irás receber
as homenagens em esplêndidos festejos?
Se destruíres a descendência da águia,
não poderás, quando quiseres no futuro,
enviar aos mortais mensagens fidedignas;
nem, se deixares secar as próprias raízes
desta raça real, ela te prestará
o culto em teus altares nos dias propícios
aos santos sacrifícios de incontáveis bois.
Protege-nos e brevemente poderás
levar às culminâncias nossa antiga casa
que nos parece estar em total decadência!

CORIFEU

Crianças, salvadoras da casa paterna,
silenciai para evitar que alguém vos ouça

e pelo gosto de falar vá contar tudo
aos detentores do poder (seja-me dado
vê-los um dia incinerados em fogueiras
entre os estalos da resina crepitante!).

ORESTES

Por certo o onipotente oráculo de Apolo
não falhará depois de haver determinado
que eu enfrentasse este perigo até o fim
e revelado em altas vozes aflições
que fizeram gelar o sangue no meu peito
se não vingasse um dia a morte de meu pai
punindo os homicidas; o deus ordenou
que eu os exterminasse em retaliação,
enfurecido pela perda de meus bens.
Se eu não obedecesse, disse ainda o deus,
teria de pagar um dia a minha dívida
com a própria vida entre terríveis sofrimentos.
Assim o oráculo, mostrando aos homens todos
a ira dos poderes infernais malignos,
ameaçou-me com pragas nauseabundas:
ulcerações leprosas que mordem as carnes
com dentes cortantes de fogo, devorando
a sua própria natureza, enquanto surgem
os pêlos alvos que proliferam nas chagas.
Ele falou também de ataques horrorosos
das Fúrias¹⁰ sempre desejosas de vingança
ao ver o sangue derramado por um pai,
e de visões terríficas que aparecem
na escuridão da noite diante dos olhos
dos filhos desvairados entre convulsões.
O dardo negro¹¹ dos infernos, quando o invocam
os mortos consangüíneos - cólera, delírio
ou pesadelos vindos do fundo da noite -,
agita e enlouquece os filhos negligentes
até conseguir expulsá-los da cidade
com as carnes ultrajantemente laceradas
por um irresistível aguilhão de bronze.
- E a criatura que faltasse a tais deveres,
disse-me o deus, jamais poderia beber
na taça em que todos os membros da família
fazem as libações; a ira de seu pai,

350

355

360

365

370

375

380

385

embora imperceptível, afastá-la-ia
do altar comum; ninguém jamais a acolheria
nem lhe ofereceria o leito; finalmente,
desprezada por todos, sem um só amigo,
tal criatura morreria na miséria
de um mal que a aniquilaria sem remédio.
Não tenho, então, a obrigação de acreditar
no oráculo? Inda que não lhe desse crédito
me impelem sempre para uma conclusão:
além do mandamento nítido de Apolo,
a dor profunda pela morte de meu pai,
as ameaças da pobreza detestável
e sobretudo o desejo de não deixar
nossos concidadãos, vencedores em Tróia
graças à sua resoluta valentia,
serem escravizados por duas mulheres
(de fato, o coração de Egisto é de mulher;
se ele não sabe, logo ficará sabendo!).

390

395

400

405

CORIFEU

Parcas¹² potentes, peço-vos por Zeus:
fazei com que tudo se realize
no rumo seguido pelo destino!
Fazei com que a cada palavra de ódio
responda logo outra palavra igual,
como a justiça quer ao exigir
em altos brados a reparação!
Contra cada golpe mortal desfira-se
um novo golpe igualmente mortal!
Ao culpado o castigo; diz o adágio
há muito tempo ouvido e repetido!

410

415

ORESTES

Meu pai muito infeliz! Com que palavras
ou atos poderei fazer chegar
minha mensagem até o lugar
onde repousas, como luz oposta
às trevas em que te encontras agora?
E para nós também, muitos soluços
- a única homenagem aceitável -

420

425

anunciando a vinda dos Atridas¹³
até as altas portas do palácio teu
hoje fechado para todos eles.

CORIFEU

A alma de teu pai, minha criança,
não cede em face do fogo voraz;
hoje ou mais tarde ele revela a cólera. 430
Chore-se a vítima e seu vingador
logo aparecerá; lamentos justos
por nossos pais, que nos deram a vida,
se são reiterados e potentes 435
perseguem incansáveis os culpados.

ELECTRA

Ouve então, pai, a parte que me cabe
nessa pungente dor! São teus dois filhos
que sobre tua sepultura entoam
um canto fúnebre; é somente um túmulo
que nos recebe como suplicantes,
como exilados. Que se pode ver
de confortante nisso? Apenas males.
Não é razão para desesperar
ter de lutar contra a fatalidade? 440
445

CORIFEU

Mas se quiser, um deus terá poderes
para mudar estes nossos lamentos
em sons mais agradáveis aos ouvidos.
Em vez de cantos fúnebres aqui,
junto a uma tumba, cantos triunfais
no interior do palácio real
celebrarão o amigo que regressa,
recuperando enfim a alegria
de estar bebendo na taça comum
o vinho novo em comemorações. 450
455

ORESTES

Ah! Por que não tombaste, pai querido,
ao pé das muralhas de Tróia, morto

pelo dardo de algum soldado lício!
Deixando em casa um nome glorioso
e para os filhos em suas jornadas 460
uma existência que atrairia
os olhares de todos, jazerias
em terras de além-mar, sob uma lápide
menos funesta para os filhos teus...

CORIFEU

... caro aos amigos, morto bravamente,
heroicamente à semelhança deles,
senhor magnífico, mesmo enterrado,
servindo aos grandes deuses infernais,
pois enquanto viveste foste rei
igual aos que, por decreto da Sorte,
conferem o poder de vida ou morte 470
e têm o cetro diante do qual
todos os súditos se curvam, dóceis.

ELECTRA

Não deverias ter morrido, pai,
tampouco ao pé das muralhas de Tróia,
entre os outros guerreiros atingidos 475
por lanças assassinas, nem descido
à sepultura junto ao Escamandro¹⁴.
Ah! Se teus assassinos, e só eles,
tivessem sido mortos por parentes!
Assim nos teriam chegado apenas
notícias do destino que lhes coube,
exterminados em terras distantes!
E tais angústias não seriam nossas! 480

CORIFEU

Queres, menina, muito mais que o ouro,
muito mais que a felicidade máxima,
- a sorte reservada aos Hiperbóreos¹⁵ -;
isto é apenas um desejo teu.
Agora ouvimos somente o estalo
de um duplo açoite¹⁶; os nossos defensores
estão neste momento em suas tumbas 485
490

e os atuais senhores têm as mãos
sujas de sangue e destino cruel
para Agamêmnon e para seus filhos!

ORESTES

Estas palavras vêm diretamente
aos meus ouvidos e me estão ferindo
como se disparasses uma flecha!
Zeus, que das profundezas infernais
fazes precipitar-se cedo ou tarde
a desdita sobre qualquer mortal
cujas mãos foram perversas e pérfidas!
Embora o alvo seja nossa mãe,
vamos agir imediatamente!

495

CORIFEU

Seja-me dado então gritar bem alto,
augurando o triunfo sobre o homem
nos estertores, e sobre a mulher
quando estiver enfim sendo imolada!
Por que devo tentar dissimular
meu pensamento se ele neste instante
quer sair de minha alma sobrepondo-se
ao meu esforço vão para contê-lo,
agora que sopram sobre meu rosto
como se fossem uma brisa áspera
a cólera presa em meu coração
e o ódio nutrido pelo rancor?

505

510

515

ELECTRA

Mas, quando, então, Zeus todo-poderoso
fará descer a sua mão, fendendo
os crânios dos culpados e trazendo
de volta a confiança a esta terra?
Quero justiça contra a injustiça!
Ouvi-me, Terra e deuses infernais!

520

CORIFEU

É lei que o sangue, uma vez derramado
em plena terra, exija sangue novo.

Um assassínio clama em altos brados
pelas divinas Fúrias vingadoras,
para que em nome das primeiras vítimas
elas provoquem implacavelmente
nova desgraça em seguida à antiga.

525

ORESTES

Ah! Soberanas Fúrias infernais,
imprecações poderosas dos mortos,
vede o que resta agora dos Atridas
diante da miséria sem saída
e das humilhações do longo exílio!
Para onde nos voltaremos, Zeus?

530

CORIFEU

Meu coração palpita novamente
ouvindo agora a súplica de Orestes.
Chego a desesperar e sinto a treva
envolvendo minha alma. Por outro lado,
afirmações viris trazem-me alívio
e tudo volta a parecer melhor.

535

540

ELECTRA

Que deveríamos dizer agora?
Que nossos sofrimentos são a obra
da criatura que nos deu à luz?
Ela pode tentar suavizá-los,
mas não existe alívio para eles.
Nossa mãe transformou meu coração
num lobo insaciável, implacável.

545

CORIFEU

Bato no peito em lúgubre cadência;
seguindo o ritual das carpideiras¹⁷,
minhas mãos tocam-se incessantemente
acelerando o ritmo de seus golpes,
fustigando de cima e afastando-se
enquanto mortificam-me a cabeça
sofrida e dolorida a cada impacto.

550

ELECTRA

Ah! Minha mãe despidorada e má!
Ousaste sepultar um grande rei
secretamente (ah! funerais cruéis!),
sem o pranto sentido de seu povo,
sem uma simples lágrima de pena!

ORESTES

Tu me relembras essa infâmia enorme,
irmã querida, mas se as divindades
quiserem ajudar-me a golpear
com minhas próprias mãos a nossa mãe,
ela nos pagará; matá-la-ei,
embora tenha de morrer por isso!

CORIFEU

Se me queres ouvir digo-te ainda
que ela, vendo o marido já sem vida,
chegou ao cúmulo de mutilá-lo
e assim o sepultou perversamente,
querendo apenas lançar sobre ti
um fardo de vergonha insuportável.
Eis as muitas infâmias infligidas
a teu querido pai por Clitemnestra.

ELECTRA

Falas das desventuras de meu pai;
a mim, porém, privaram-me de tudo,
dando-me o tratamento de uma escrava;
confinada em meu quarto, com um cão
maligno, mais pronta a chorar que a rir,
eu me ocultava para soluçar,
sofrendo sem um momento de alívio.

(Dirigindo-se a ORESTES.)

Escuta e guarda na alma o que te digo!

CORIFEU

Deixa minhas palavras penetrarem

por teus ouvidos e mantém a alma
tranqüilamente preparada. Sabes
tudo que se passou; a tua cólera
te dirá como vai ser o futuro.
Quem opta por lutar deve sentir
um rancor implacável em seu peito.

ORESTES

Chamo-te, pai! Vem ajudar teus filhos!

ELECTRA

Também te chamo, pai, desfeita em lágrimas!

CORO

Nossas vozes uníssonas repetem
a súplica de teus filhos presentes!
Ouve nossos apelos! Manifesta-te!
Junta-te a nós contra teus inimigos!

ORESTES

A Força enfrentará agora a Força
e se oporá o Direito ao Direito!

ELECTRA

Fazei com que vossa justiça, deuses,
dê a vitória às pretensões dos justos!

CORO

Trememos quando ouvimos estas preces.
Tarda muito o destino a consumir-se.
Chamamo-lo e queremos que ele venha!
Ah! Males incessantes desta raça,
golpes sanguinolentos e funestos
da Sorte adversa! Angústia insuportável
e lamentável! Quanto sofrimento,
sem um momento de tranqüilidade!
Este palácio, todavia, vê

um bom remédio para tantas mágoas,
nascido nele mesmo, e não lá fora;
a cura ocorrerá em decorrência
de uma disputa áspera e sangrenta.
Vociferamos para ser ouvidos
pelos potentes deuses subterrâneos!

610

CORIFEU

Valei-nos, divindades infernais!
Sede sensíveis a nossos clamores,
e numa prova de benevolência
vinde ajudar estas duas crianças
em sua luta! Dai-lhes a vitória!

615

(ORESTES e ELECTRA ajoelham-se sobre o túmulo de Agamémnon.)

ORESTES

Pai, que morreste de maneira indecorosa,
indigna do poder de um rei, venho implorar-te:
concede-me a soberania em teu palácio!

620

ELECTRA

Também tenho um pedido a dirigir-te, pai:
livra-me agora desta enorme desventura
e faz com que ela recaia sobre Egisto!

ORESTES

Nosso propósito é criar festas solenes
em tua honra, pois sem as celebrações
te esquecerão nos dias dos lautos banquetes
em que se fazem oferendas fumegantes
lançadas abundantemente sobre a terra.

625

ELECTRA

Na plenitude de meus direitos de herdeira
virei trazer-te, pai, as minhas libações
de esposa moça quando deixar teu palácio,

630

e acima de todas as coisas honrarei
a tua sepultura, para mim sagrada!

ORESTES

Abre-te agora, terra! Deixa nosso pai
juntar-se a nós na luta prestes a travar-se!

635

ELECTRA

Concede-nos, Perséfone¹⁸, a vitória esplêndida!

ORESTES

Lembra-te, pai, do banho em que foste imolado!

ELECTRA

E lembra-te da rede insólita que a astúcia
dos assassinos lançou para te imolar!

640

ORESTES

E dos grilhões para tolher teus movimentos,
forjados por alguém que não era ferreiro!

ELECTRA

E dos pérfidos véus da trama degradante!

ORESTES

Despertas hoje, pai, depois de tais ultrajes?

ELECTRA

Ergues enfim tua cabeça muito amada?

645

ORESTES

Manda a justiça combater ao nosso lado,
ou deixa-nos, então, usar as mesmas armas
se, depois da derrota inicial, desejas
ser desta vez o vencedor definitivo!

ELECTRA

Escuta agora meu supremo apelo, pai:
contempla tua prole ajoelhada aqui
sobre este túmulo; peço-te que te apiedes
tanto de tua filha como de teu filho!
Não deixes desaparecerem deste mundo
as últimas, tristes sementes dos Pelópidas¹⁹;
assim, embora morto vencerás a morte!

650

ORESTES

De fato, os filhos representam para um homem
a voz que lhe preserva o nome após a morte,
da mesma forma que as bóias salvam as redes
mantendo-as flutuantes em águas profundas.
Ouve-me, pai! A minha súplica sentida
é por teu próprio bem; ela te salvará
do esquecimento se quiseres escutá-la!

660

*(ORESTES e ELECTRA levantam-se e se afastam do
túmulo de Agamémnon.)*

CORIFEU

Estas palavras visam aos ritos sagrados
e servem para compensar o esquecimento
das usuais lamentações sobre o sepulcro.

665

(Afastando-se do túmulo e dirigindo-se a ORESTES.)

Agora que teu ânimo volta a ser forte
e te compele a entrar em ação, começa!
Põe resolutamente à prova teu destino!

ORESTES

Assim será, mas é cabível perguntar,
antes de agir, com que propósito, por que
ela mandou oferecer as libações
e tenta redimir-se, embora muito tarde,
de um mal sem cura. Para o defunto insensível
esta homenagem é mesquinha; não pretendo
avaliar as oferendas, mas sem dúvida

670

675

elas parecem muito aquém do malefício.
Para apagar uma simples gota de sangue
pode-se dar de uma só vez toda a riqueza,
mas como diz um antiqüíssimo provérbio
tão grande empenho não terá valor algum.
Dize-me, se souberes, qual a explicação
das providências tomadas por Clitemnestra.

680

CORIFEU

Eu sei, menino, pois estava no palácio:
sonhos terríveis perturbaram suas noites.
Por isso ela mandou as libações que vimos.

685

ORESTES

Podes contar-me exatamente o sonho dela?

CORIFEU

No sonho pareceu-lhe parir uma víbora,
de acordo com a sua própria afirmação.

ORESTES

Como acabou o sonho? Conta até o fim!

690

CORIFEU

Ela envolveu em fraldas a pequena víbora,
como se se tratasse de uma criancinha.

ORESTES

Como se alimentava o monstro após o parto?

CORIFEU

No sonho, ela mesma lhe apresentava o seio.

ORESTES

E a víbora não o feriu quando o sugava?

695

CORIFEU

Feriu, e logo o sangue misturou-se ao leite.

ORESTES

Talvez isto não seja casualidade...
Essa visão pode significar um homem...

CORIFEU

Ela acordou e deu um grito, receosa,
e as tochas, cujos olhos a treva fechara,
reacenderam-se incontáveis pela casa,
como se obedecessem à voz da senhora.
Pouco tempo depois ela mandou levar
as oferendas fúnebres de que falamos,
na ânsia de encontrar nas mesmas um alívio
para suas terríveis preocupações.

ORESTES

Então imploro a este solo e ao sepulcro
de meu finado pai que logo me concedam
a graça de materializar o sonho.
Cumpra-me interpretá-lo então literalmente:
se, nascida do mesmo ventre de onde vim,
a víbora, como se fosse uma criança,
depois de ser vestida em fraldas pôs a boca
no mesmo seio em que me alimentei na infância
e misturou sangue com leite enquanto a mãe
gritava perturbada pela dor intensa,
indiscutivelmente ela, que nutriu
um monstro pavoroso, terá de ofertar-me
seu próprio sangue, e eu, transformado por ela
numa terrível víbora, matá-la-ei,
como posso inferir do sonho inspirador.

CORIFEU

Aprovo-te como adivinho de prodígios.
Que seja assim! Agora instrui os teus amigos:
a uns explica o que devem fazer; a outros,
como devem agir em tua opinião.

700

705

710

715

720

725

ORESTES

Meu plano é simples.

(Apontando para ELECTRA.)

Ela regressa ao palácio.

(Apontando para o CORO.)

Quanto a vós todas, deveis guardar segredo
em relação aos meus desígnios, pois desejo
que, depois de matarem arditosamente
um herói glorioso de volta a seu reino,
os inimigos sejam também apanhados
de maneira ardilosa e logo exterminados
em trama idêntica, tal como determina
o próprio Apolo²⁰, que jamais foi mentiroso,
em suas profecias feitas a mim mesmo.
Dissimulado em estrangeiro e ostentando
os petrechos usados pelos viajantes,
apresentar-me-ei na porta do palácio
com Pílates, meu companheiro inseparável,
hoje meu hóspede depois de me acolher
em sua própria casa. Falaremos ambos
como se fôssemos nativos do Parnasso²¹,
imitando a linguagem dos foces de lá²².
Prevejo que nenhum dos guardas nos dirá
palavras amistosas, pois todos lá dentro
estão angustiados. Vamos esperar
que os transeuntes, notando a nossa presença,
perguntem-se e comentem muito curiosos:
"Por que Egisto, que deve estar no palácio
e sem a menor dúvida foi avisado,
deixou os suplicantes do lado de fora?"
Mas, se eu puder entrar pelas portas da corte
e o vir no trono de meu pai, ou se ele, então,
quiser falar-me face a face e para isso
aparecer diante de meus próprios olhos,
de um modo ou de outro - fique ele sabendo logo -
antes de me dizer "Saúdo-te, estrangeiro!"
farei dele um cadáver no ímpeto feroz
de meu punhal de bronze; as Fúrias vingadoras,

730

735

740

745

750

755

ainda sedentas de morte, beberão
pela terceira vez o sangue sem mistura!

760

(*Dirigindo-se a ELECTRA.*)

E tu, volta ao palácio imediatamente
para que tudo marche como desejamos.

(*Dirigindo-se ao CORO.*)

Peço-vos a maior prudência nas palavras,
falando ou omitindo-vos discretamente.

(*Voltando-se para o túmulo de Agamémnon.*)

Quanto ao restante, pai, escuta minha súplica:
dirige meu punhal ao alvo desejado
na luta em que terei de me empenhar aqui!

765

(*Saem ORESTES, PÍLADES e ELECTRA.*)

CORO

São incontáveis os males funestos
e as feras produzidas pela terra
e os monstros perigosos para os homens
soltos nos mares; entre o céu e a terra
fulguram muitos astros flamejantes;
tudo que marcha e tudo que alça vôo
fala da fúria dos ventos velozes.

770

Mas, quem será capaz de descrever
a imensa audácia que o homem ostenta
e as paixões desastrosas das mulheres
de coração sempre despudorado,
causa constante de terríveis penas
para os frágeis mortais? Os laços fortes
que ligam os casais são destruídos
insidiosamente pela fúria
dos sórdidos desejos incontidos,
cujo poder brutal se impõe às fêmeas,
seja entre os animais, seja entre os homens.
Quem ainda conserva na memória
os contos ouvidos antigamente,
por certo lembra-se do fogo pérfido

775

780

785

aceso por Altaia, a mãe cruel,
para matar o filho, Meleagro^{22a},
consumindo nas chamas o tição
ao qual estava presa a vida dele
desde o instante de seu nascimento,
e que deveria medir-lhe os dias
por força do Destino inexorável.
Os velhos contos também condenavam
Cila²³ sangrenta por ter imolado
seu próprio pai à sanha de inimigos;
cedendo à sedução de algumas jóias
de ouro cretense - presentes de Minos²⁴ -,
ela arrancou (ah! cadela impudente!)
das têmporas de Niso adormecido
um cabelo que o imortalizava,
do qual Hermes²⁵ se apoderou depois.
E já que falo destes tristes crimes,
este é o momento de rememorar
um casamento sem nenhum amor
- uma abominação para o palácio -
e as tramas sórdidas imaginadas
por uma esposa cheia de perfídia
contra um guerreiro seu senhor e rei;
temiam-no todos os inimigos,
mas ele desejava um lar tranqüilo,
tendo a seu lado a rainha e esposa.
Entre todos os crimes os relatos
destacam o que vitimou os lêmnios²⁶;
a voz de todo o povo inda o maldiz
horrorizada, e o nome de Lemnos
associou-se às mais cruéis desgraças.
A raça em cujo seio aconteceu
esse crime odiado pelos deuses
findou abominada pelos homens.
Ninguém reverencia neste mundo
o que é detestado lá no céu.
Quem poderia negar-me o direito
de recordar agora estas verdades?
A espada aguda visa o coração
e o atravessa em nome da justiça;
ninguém contesta sua atuação
junto às mal-afamadas criaturas
que espezinharam e que violaram

790

795

800

805

810

815

820

825

830

a majestade única de Zeus.
 As raízes sagradas da justiça
 estão plantadas no alto firmamento;
 o destino prepara suas armas 835
 e já está forjando seu punhal.
 As celebradas Fúrias vingadoras
 de profundos desígnios, restituem
 o filho ao lar; ele vem apagar
 a mácula do sangue derramado. 840

(ORESTES e PÍLADES voltam à cena e se encaminham para o palácio, a cuja porta ORESTES bate.)

ORESTES

Escuta, escravo! Bato à porta do vestibulo!
 Ninguém está neste palácio? Escuta, escravo!
 É a terceira vez e ninguém nos atende!
 Espero que apareça alguém se nesta casa
 se acolhem estrangeiros por ordem de Egisto! 845

ES CRAVO

(Abrindo a porta.)

Já pude ouvir! Fala! Qual é a tua terra
 e de onde estás chegando? Dize-me, estrangeiro!

ORESTES

Vai logo anunciar-me aos donos do palácio,
 pois vim aqui para dar-lhes notícias;
 apressa-te, porém, pois o carro da noite 850
 já está prestes a chegar trazendo as trevas
 e soa a hora de o viajante ancorar
 em uma casa onde se hospedam forasteiros.
 Deves chamar alguém que tenha autoridade
 nos assuntos do lar - a dona que o dirige -;
 inda melhor será o dono, pois assim 855
 não haverá constrangimento na conversa
 (de fato, um homem fala abertamente a outro
 e expõe seu pensamento com maior clareza).

(CLITEMNESTRA sai do palácio.)

CLITEMNESTRA

Revelai-me vossos desejos, estrangeiros.
 Neste palácio certamente encontrareis
 tudo que é lícito esperar: um banho quente,
 um leito onde vossas fadigas cessarão
 e ainda a recepção de um olhar leal.
 Se vindes para discutir assuntos sérios, 865
 vossa mensagem será transmitida aos homens.

ORESTES

Sou estrangeiro e estou vindo lá de Dáulis.²⁷
 Enquanto eu caminhava em direção a Argos,
 trazendo pouca coisa além dos próprios pés,
 subitamente um homem que eu não conhecia 870
 (ele também nunca me tinha visto antes)
 apareceu na estrada e dirigiu-se a mim;
 logo me perguntou meu nome e disse o seu
 - Estrófilo -, acrescentando que nasceu na Fócida.
 Em seguida indagou sobre minha viagem 875
 e depois dirigiu-me as seguintes palavras:
 "Já que estás indo para Argos, estrangeiro,
 lembra-te de dizer sem falta aos pais de Orestes
 que ele morreu; não esqueças de forma alguma!
 Revela-me na volta se os parentes dele 880
 preferem que o cadáver seja transportado
 para sua cidade, ou se ao contrário querem
 que o enterremos no local de sua morte,
 como estrangeiro e para sempre nosso hóspede;
 enquanto não chega a resposta suas cinzas,
 guardadas entre os flancos de uma urna brônzea,
 receberão o preito de sentidas lágrimas
 que bem merece o homem recém-falecido."
 Repito exatamente o que escutei, senhora.
 Se estou falando com o parente apropriado 890
 para ouvir a notícia, ignoro, mas sem dúvida
 quem deu à luz Orestes sabe e me dirá.

CLITEMNESTRA

Ai! Ai de mim! Tuas palavras me aniquilam!
 Como é difícil, Maldição deste palácio,

a luta contra ti! Ah! Como é penetrante
a tua vista se conseguiste abater
o homem que eu imaginava tão distante
exterminando-o com teu arco irresistível!
Assim me privas de todas as criaturas
a quem dedico o meu amor! Ai! Ai de mim!
Agora foi Orestes, que teve o bom senso
de se afastar deste sangrento lamaçal
- a última esperança que eu ainda tinha
de sentir nesta vida uma alegria pura,
capaz de curar para sempre este palácio!

ORESTES

Se eu pudesse escolher, a minha preferência
seria dar a tão nobres anfitriões
notícias agradáveis, pois se fosse assim
eles me acolheriam com satisfação.
De fato, pode haver melhor disposição
que a de quem é fidalgamente recebido
em relação a seus gentis anfitriões?
Em minha opinião, porém, minha conduta
seria imperdoável se eu tergiversasse
no desempenho de uma missão amistosa
por mim aceita e facilitada por ti.

CLITEMNESTRA

Não deves recear que te faltem por isso
as atenções devidas nem a recepção
proporcionada aos bons amigos desta casa.
Outra pessoa, cedo ou tarde, nos traria
esta mensagem de que foste portador.
Mas é chegada a hora de proporcionarmos
a nossos hóspedes neste fim de jornada
os cuidados devidos em tais circunstâncias.

(Dirigindo-se a uma escrava.)

Conduze-os logo aos aposentos reservados
a quem merece a nossa melhor acolhida,
sem esquecer os serviços e o companheiro;
eles receberão aqui o tratamento
que costumamos dispensar em nossa casa.

Presta atenção, escrava, e obedece em tudo,
pois serás responsável pelo atendimento. 930

(ORESTES e PILADES entram no palácio seguidos pela escrava.)

Vamos fazer agora um relato completo
ao senhor do palácio, e como não nos faltam
amigos confiáveis, reunir-nos-emos
para deliberar sobre este fato novo. 935

(CLITEMNESTRA retorna ao palácio.)

CORIFEU

Ajamos logo, amigas, servas do palácio!
Que estamos esperando para demonstrar,
valendo-nos do ímpeto de nossas vozes,
uma disposição sempre a favor de Orestes?
Ah! Terra consagrada! Ah! Consagrado túmulo
que agora cobres o corpo de um comandante
de naus inumeráveis! É chegada a hora!
Ouvi-nos neste instante! Ajudai-nos agora!
É o momento de a Persuasão solerte
entrar ao lado dele na luta difícil, 940
e de Hermes infernal, deus das noturnas trevas,
levar até os alvos o punhal mortífero! 945

(Entra a AMA de ORESTES, vinda ao palácio.)

Parece-me que o estrangeiro começou
a molestar os moradores do palácio;
já vejo saindo de lá, desfeita em lágrimas
a escrava que cuidou de Orestes pequenino. 950

(Dirigindo-se à AMA.)

Aonde vais, Cilissa,²⁸ deixando o palácio?
Pareces dominada pelo sofrimento!

AMA

Minha senhora mandou-me chamar Egisto
imediatamente para conversar 955

de homem para homem com os estrangeiros e conhecer sem qualquer dúvida as notícias recém-chegadas até nós graças a eles. Na presença de seus criados Clitemnestra quer dar a impressão de estar preocupada; seus olhos, todavia, ocultam um sorriso, pois tudo para ela se encaminha bem; para o palácio dos Atridas,²⁹ ao contrário, os estrangeiros anunciam claramente a mais completa ruína. Certamente Egisto irá ficar com o coração cheio de júbilo quando escutar as novidades que lhe trazem. Ah! Infeliz de mim! Como as antigas mágoas, caindo esmagadora e repetidamente sobre o palácio do muito famoso Atreu, amarguraram-me no peito o coração! Nunca, porém, ao longo de minha existência senti tamanha dor. As outras, numerosas, eu suportei com natural resignação, mas meu querido Orestes, a quem dediquei dias sem número de minha vida, ele, que recebi na hora de seu nascimento e criei como um filho!... Ah! Todo o meu carinho a cada instante, atenta ao seu choro estridente, cuidando dele durante noites inteiras!... E todo esse longo desvelo foi em vão!... Quem ainda não pode usar a consciência é como se fosse um bichinho - é isso mesmo! Temos de adivinhar suas necessidades. Em suas fraldas a criança não nos diz que está com fome ou sede, ou que tem de urinar, e sua barriguinha se alivia logo. Eu tinha então de adivinhar, e quantas vezes - sei muito bem! - não percebi que era a hora e tinha de lavar eu mesma os panos sujos, passando a ser além de ama lavadeira! Mas eu podia suportar perfeitamente a dupla obrigação, pois recebi Orestes das mãos do rei seu pai; hoje fiquei sabendo que Orestes está morto - ai! Infeliz de mim! Agora tenho de ir procurar o homem que foi o causador da ruína desta casa; ele receberá feliz as más notícias.

960

965

970

975

980

985

990

995

CORIFEU

Como deseja ela que Egisto retorne?

AMA

Como? Repete para que eu possa entender-te!

1000

CORIFEU

Com toda a sua guarda, ou sem acompanhantes?

AMA

Ela quer que ele volte com guardas armados.

CORIFEU

Não leves o recado a teu senhor, que odeias. Dize que venha só, para não assustar os estrangeiros portadores da notícia. Fala-lhe assim, com pressa, e demonstra alegria. O sucesso ou fracasso de um plano secreto depende muito de quem transmite a mensagem.

1005

AMA

Mas, estás satisfeita com as novidades?

CORIFEU

Zeus pode converter quaisquer males em bens.

1010

AMA

Como, se Orestes, nossa esperança, morreu?

CORIFEU

Ainda não; quem pensa assim é mau profeta.

AMA

Que dizes? Sabes de algo além dessas notícias?

CORIFEU

Vai com tua mensagem sem perda de tempo!
Trata de obedecer a quem te deu as ordens;
os deuses cuidarão do que tem de ser feito.

1015

AMA

Então eu vou e seguirei os teus conselhos.
Que tudo saia bem com a bênção divina!

(Sai a AMA.)

CORO

Agora, Zeus, pai dos deuses olímpicos,
atende à minha fervorosa súplica:
faze com que supere os inimigos
aquele que já chegou ao palácio!
Se o exaltares e lhe deres força
ele te retribuirá, solícito,
com duplas e até triplas oferendas.
Vê bem o potro, o órfão de um herói
preferido por ti, jungido agora
a esse carro onde só cabem dores!
Concede-lhe uma vitória total
contra seus inimigos no palácio!
E vós, que tendes vossos santuários
na parte mais faustosa do palácio,
deuses benevolentes, escutai-me!
Vinde! Lavai com pronta punição
o sangue dos morticínios passados!
Que o crime inveterado nunca mais
volte a reproduzir-se neste lar!
E tu,³⁰ que moras no edifício esplêndido
perto do abismo, faze com que a casa
de um homem possa erguer a sua frente
e ver com os olhos sempre devotados
o sol magnífico da liberdade!
Possa o filho de Maia³¹ auxiliar-nos
dentro de suas atribuições!
Ele, mais que qualquer dos outros deuses,
sabe, quando lhe apraz, fazer soprar

1020

1025

1030

1035

1040

1045

os ventos que nos favorecerão!
Com palavras sombrias ele joga
sobre os olhos dos homens densas trevas
que o próprio dia não dissiparia.
E finalmente cantaremos todas,
bem alto, o hino da libertação,
que as mulheres entoam quando sopram
os ventos mais propícios, esquecendo
o lamento penoso de quem chora:
"Venha logo a vitória para nós
e fuja dos amigos a desgraça!"
E tu, Orestes, na hora de agir,
se ela implorar e chamar-te de filho
grita-lhe forte e corajosamente
o que teu pai diria com certeza,
e sem um átimo de hesitação
consuma logo a obra da Vingança,
horripilante mas incensurável.
Tendo no peito o ânimo inflexível
presente no coração de Perseu,³²
pensa somente em dar satisfação
a teus amigos vivos e finados;
e mesmo derramando muito sangue
cumpre-te aniquilar o autor do crime!

1050

1055

1060

1065

1070

(Entra EGISTO.)

EGISTO

Estou aqui, não por mim mesmo, mas chamado
por uma mensageira. Ela veio dizer-me
que uns estrangeiros nos trouxeram más notícias,
segundo as quais Orestes está morto agora.
Será terrível para nós mais este golpe,
quando o palácio ainda sangra sob o peso
de uma primeira morte. Mas, dizei-me logo:
como poderemos saber se tal notícia
é real e verídica? Ou é apenas
uma conversa apavorante de mulheres,
dessas que surgem e se propagam depressa
para depois se dissiparem no vazio?

1075

1080

(Dirigindo-se ao CORIFEU.)

Que me dirás para me esclarecer o espírito?

CORIFEU

Ouvimos a notícia, mas deves entrar
para ter a confirmação dos estrangeiros.
A informação de quem apenas escutou
não se compara com a inquirição direta
de quem pode falar com o próprio interessado.

1085

EGISTO

Quero falar com o mensageiro e perguntar-lhe
se viu Orestes morto com seus próprios olhos
ou veio repetir rumores imprecisos;
de uma coisa estou certo: ele não zombará
de quem, como eu, tiver a mente esclarecida.

1090

(EGISTO entra no palácio.)

CORIFEU

Ah! Zeus! Que deverei dizer agora?
Por onde, Zeus, começarei a prece,
o apelo aos deuses? Como poderei
achar palavras próprias neste instante,
e enunciá-las adequadamente?
Neste momento, ou os punhais mortíferos
extinguirão definitivamente
a raça de Agamémnon, ou então,
acendendo a luz cintilante e o fogo
da liberdade que tanto esperamos,
Orestes irá desfrutar aqui,
no trono destinado ao rei legítimo,
os muitos bens de seus antepassados.
Esta é a luta que o divino Orestes,
como na arena o derradeiro atleta,
irá travar contra dois adversários.
Que seja dele a vitória final!

1095

1100

1105

1110

(Ouvem-se gritos no interior do palácio.)

EGISTO

(Do interior do palácio.)

Ai! Ai! Ah! Infeliz de mim! Ai! Ai!

CORO

Que se passou lá dentro do palácio,
e como tudo terá terminado?

CORIFEU

Devemos afastar-nos; tudo aconteceu
e não é bom que apareçamos como cúmplices.

1115

(O CORO retira-se para o lado do vestibulo; sai da parte central do palácio, transtornado, um criado de EGISTO, dirigindo-se para os aposentos das mulheres e batendo à porta dos mesmos.)

CRIADO

Ai! Infeliz de mim! Mataram meu senhor!
Ai! Infeliz de mim pela segunda vez!
Egisto não existe mais! Tiraí depressa
os ferrolhos do gineceu. Necessitamos
de um jovem vigoroso - não para ajudar
quem não existe mais. Tudo seria inútil!
Abri! Abri! Estou gritando para surdos,
desperdiçando a minha voz aqui na porta
com tanta gente adormecida? E Clitemnestra?
Onde estará nossa rainha? Que faz ela?
Tenho a impressão de ver um punhal afiado
prestes a desferir o golpe da justiça;
ferida mortalmente no colo indefeso,
ela se estenderá em pleno chão, imóvel!

1120

1125

(CLITEMNESTRA sai pela porta do gineceu.)

CLITEMNESTRA

Que aconteceu? Teus gritos enchem o palácio!

1130

CRIADO

Digo que um morto mata uma pessoa viva!

CLITEMNESTRA

Ai! Ai de mim! Já decifrei o teu enigma!

Pereceremos vítimas de uma perfídia,
da mesma forma que matamos Agamêmnon!
Quem me dará agora o machado assassino?
Dentro de alguns instantes poderemos ver
quais são os vencedores e quais os vencidos,
já que cheguei a tais extremos de infortúnio!

1135

(Sai o CRIADO. A porta principal do palácio abre-se e vê-se o cadáver de EGISTO. ORESTES está perto do cadáver, ao lado de PÍLADES.)

ORESTES

(Dirigindo-se a CLITEMNESTRA.)

É bom que tenhas vindo, pois eu te esperava!

(Apontando para o cadáver de EGISTO.)

Este defundo já ganhou o seu quinhão.

1140

CLITEMNESTRA

Ai! Estás morto, Egisto amado e destemido!

ORESTES

Ainda o amas? Vai então deitar com ele
na mesma sepultura! Estando com Egisto,
mesmo depois de morta ser-lhe-ás fiel!

(ORESTES ergue o punhal e avança contra CLITEMNESTRA, que se lança aos joelhos dele, rasga o vestido e mostra-lhe os seios.)

CLITEMNESTRA

Pára, meu filho! Pára, menino, e respeita
os seios dos quais tantas vezes tua boca
até durante o sono tirou alimento!

1145

(ORESTES baixa a espada e dirige-se a PÍLADES.)

ORESTES

Ah! Pílares! Que faço? Mato a minha mãe?

PÍLADES

Que restaria de agora em diante, Orestes,
do oráculo de Apolo, das proclamações
de Pito,³³ sua intérprete, da lealdade,
penhor dos juramentos? Seria melhor
obedecer aos deuses que a todos os homens!

1150

ORESTES

Tuas ponderações convencem-me; venceste!

(Dirigindo-se a CLITEMNESTRA.)

Tens de seguir-me! Vou matar-te junto a Egisto!
Enquanto ele vivia tu o preferiste
a meu querido pai; agora jazerás
ao lado dele, já que o amas e odiaste
o homem que devias ter amado em vida!

1155

CLITEMNESTRA

Eu te nutri e quero envelhecer contigo!

1160

ORESTES

Queres morar comigo, assassina de um pai?

CLITEMNESTRA

Tudo foi obra do destino, filho meu!

ORESTES

Então é o destino que te mata agora!

CLITEMNESTRA

Não te apavora a maldição materna, filho?

ORESTES

Deste-me à luz mas me lançaste na desgraça!

1165

CLITEMNESTRA

Tudo que fiz foi entregar-te a um amigo!

ORESTES

Fui vilmente vendido, eu, filho de um pai livre!

CLITEMNESTRA

E o dinheiro de tua venda, onde estará?

ORESTES

Tenho vergonha de falar-te abertamente
desse dinheiro ignóbil; prefiro calar-me!

1170

CLITEMNESTRA

Fala-me, então, da má conduta de teu pai!

ORESTES

Não podes acusar o herói que combatia
enquanto estavas ociosa em seu palácio!

CLITEMNESTRA

Para nós, as mulheres, filho, é doloroso
estarmos tanto tempo longe dos maridos!

1175

ORESTES

Mas é a luta dos maridos que alimenta
a ociosidade de suas mulheres.

CLITEMNESTRA

Insistes em matar a tua mãe, meu filho?

ORESTES

Eu não! Tu mesma estás causando a tua morte!

CLITEMNESTRA

Cuidado com a maldição³⁴ de tua mãe!

1180

ORESTES

E como evitarei a de meu próprio pai
se demonstrar hesitação neste momento?

CLITEMNESTRA

Ainda viva, estou aqui (pobre de mim!)
fazendo súplicas inúteis a um túmulo!

ORESTES

O trágico destino de meu pai querido
hoje te impõe a merecida punição!

1185

CLITEMNESTRA

Eu mesma dei à luz e criei esta víbora!

ORESTES

A profecia de teus sonhos pavorosos
revela-se neste momento verdadeira.
Assassinaste quem não devias matar;
agora sofre o que não devias sofrer!

1190

*(ORESTES, seguido por PÍLADES, obriga CLITEMNESTRA
a entrar no palácio com ele; fecha-se a porta após a
passagem dos três.)*

CORIFEU

Choro sentidamente por ele e por ela
nesta desdita dupla. Mas, considerando
que o infeliz Orestes atingiu o ápice
de tantos fatos maculados pelo sangue,
quero que ao menos não desapareça agora
o olho^{34a} desta casa para todo o sempre.

1195

CORO

Eis afinal a justiça esperada
 que antes já puniu os Priamidas³⁵
 com o castigo merecido e duro.
 Da mesma forma acaba de chegar
 ao palácio real o leão duplo,
 o duplo assassinato; o desterrado
 anunciado pela pitonisa
 levou a termo o seu cometimento
 guiado pelos conselhos de um deus
 em sua decisão impetuosa.
 Gritai manifestando o justo júbilo,
 pois finalmente a casa de Agamêmnon
 foi libertada de tantas desditas
 e do casal impuro e insaciável
 que para dissipar suas riquezas
 enveredou pela rota da morte.
 Chegou o herói que, lutando na sombra,
 soube aplicar o castigo devido.
 Guiou-lhe os passos a filha de Zeus
 que nós, mortais, costumamos chamar
 pelo nome que lhe convém - Justiça;
 sobre seus inimigos ela insufla
 vingança e morte até aniquilá-los.
 O oráculo que a voz forte de Apolo³⁶
 pronunciou no fundo de seu antro
 declara que se deve perdoar
 a traição que pune os traidores.
 Em nossa opinião aqui triunfa
 a vontade divina, ao decretar
 que não devemos socorrer os maus
 e que temos de reverenciar
 como convém os deuses das alturas.
 Agora já podemos ver a luz
 e a queda desejada há tanto tempo
 dos laços que tolhiam esta casa.
 Levanta-te, palácio, pois te vimos
 durante muitos anos rebaixado!
 O tempo que faz tudo acontecer
 penetrará pelo portal da casa
 quando as inveteradas maldições
 forem varridas da lareira santa

1200

1205

1210

1215

1220

1225

1230

1235

graças ao ritos purificadores
 que dela expulsarão todas as máculas.
 Os dados atirados pela Sorte
 irão mudar e logo cairão
 com as faces favoráveis para cima,
 prenunciando assim melhores dias.

1240

(Abre-se a porta central do palácio. Vêem-se os cadáveres de EGISTO e de CLITEMNESTRA estendidos lado a lado no chão, ocultos por uma coberta. As mulheres do CORO entram no palácio.)

ORESTES

Olhai a dupla de opressores desta terra,
 os traidores assassinos de meu pai
 e dilapidadores dos bens desta casa!
 Eles estavam majestosos em seus tronos
 até há pouco tempo, e foram sempre amigos,
 como se pode deduzir de seu destino,
 presos a compromissos de fidelidade.
 Além de exterminarem meu pai infeliz,
 eles também tinham jurado morrer juntos
 e assim cumpriram hoje a palavra empenhada.
 Agora contemplai, vós, que já conheceis
 as nossas desventuras, o pano cruel
 que subjogou meu pai tolhendo suas mãos
 e jungindo seus pés para imobilizá-lo!

1245

1250

1255

(Apontando para a coberta que ocultava os cadáveres.)

1260

1265

1270

ele sofreu a punição segundo a lei.
 Mas, a mentora única de um plano infame
 contra o marido, cujos filhos concebeu
 - fardo muito pesado dentro de seu ventre,
 prova do antigo amor mais tarde transformado
 em ódio imenso -, que pensais agora dela?
 Moréia ou víbora desde seu nascimento,
 um ser capaz de envenenar pelo contacto,
 mesmo sem a picada, apenas pela audácia
 e por seus pensamentos cheios de maldade.

1275

1280

(Apanhando o pano que cobria os dois cadáveres.)

Que nome apropriado possa dar a isto,
 por mais que tente moderar a minha boca?
 Uma armadilha para feras, ou então
 uma mortalha indo da cabeça aos pés?
 Não! Uma rede ou pano usado por bandidos
 em suas incursões à margem das estradas
 para matarem torpemente muitos homens,
 satisfazendo assim seu instinto perverso.
 Queiram os deuses que jamais tal companheira
 penetre em minha casa! Antes morrer sem filhos!

1285

1290

CORO

Ai! Tristes crimes!... Morres cruelmente!
 Quanto mais tarda, mais cresce o castigo!

ORESTES

Ela feriu meu pai ou não? A prova certa
 está aqui: o pano ainda avermelhado
 pelo fino punhal que Egisto manejou.
 Os vestígios de sangue e o tempo decorrido
 esmaeceram os bordados multicores.

1295

(Após alguns momentos de silêncio.)

Agora posso me aplaudir abertamente,
 agora posso lamentar-me no momento
 de ver este lençol que recobriu meu pai,
 mas choro pelo feito, pela punição
 e até por nossa raça, pois desta vitória
 guardo somente uma desmesurada mácula.

1300

CORO

Nenhum mortal consegue atravessar
 a vida inteira livre de amarguras.
 Uma tristeza hoje, outra amanhã...

1305

ORESTES

Eu, entretanto, gostaria de dizer-vos
 (não sei como isso tudo chegará ao fim)
 que hoje me sinto como se fosse um cocheiro
 dirigindo os cavalos por fora da estrada;
 as rédeas, difíceis de dominar, soltaram-se
 de minhas mãos, e os animais vão-me levando;
 vencido e desgarrado, começo a sentir
 que meu sofrido coração, cheio de espanto,
 já quer cantar seguindo o ritmo de seus saltos;
 mas, enquanto consigo dominar a mente
 grito estridentemente a todos os amigos:
 matei a minha mãe, e com muita razão.
 Ela matou meu pai e personificava
 a máxima impureza, execração dos deuses;
 quanto aos estímulos que me deram audácia,
 o mais eficiente foi um deus - Apolo,³⁷
 o deus de Pito -; ele mesmo me revelou
 que se eu agisse assim não seria culpado;
 mas se deixasse de cumprir as suas ordens...
 - não posso revelar o nome do castigo:
 o alcance de uma flecha seria menor
 que os sofrimentos reservados para mim.
 E agora vede como, portando este ramo
 adornado de lâ, vou, simples suplicante,
 até o centro deste mundo³⁸ - terra santa
 onde Loxias³⁹ profetiza e onde brilha
 a luz do fogo aceso para todo o sempre -
 fugindo à maldição do sangue que jorrou
 de minha mãe; em suas injunções o deus
 determina que eu vá sem falta a seu altar.
 Quanto à consumação desta desgraça enorme,
 peço aos argivos⁴⁰ todos para revelarem
 de viva voz a Menelau⁴¹ como nasceram
 tão grandes desventuras; peço-lhes também
 que dêem o seu testemunho a meu favor.

1310

1315

1320

1325

1330

1335

1340

Agora irei andando como um vagabundo,
banido desta terra, pelo mundo afora,
deixando atrás de mim uma fama hedionda
por toda a vida e mesmo após a morte.

1345

CORIFEU

Venceste! Evita que teus lábios pronunciem
qualquer palavra portadora de infortúnio
e não permitas que eles te maldigam hoje,
no dia da libertação da terra argiva
graças aos golpes felizes de teu punhal
exterminando as duas víboras cruéis.

1350

*(ORESTES, que ia iniciar a marcha para o exílio,
recua bruscamente, horrorizado.)*

ORESTES

Ai! Ai de mim! Criadas! Já as vejo ali,
como se fossem Górgonas, com roupas negras⁴¹,
envoltas em muitas serpentes sinuosas!
Não posso mais ficar aqui! Não posso mais!

1355

CORIFEU

Dize-nos, filho mais querido de teu pai!
Quais são esses fantasmas cuja aparição
provoca em ti essas horríveis convulsões?
Coragem! Não receies, grande vencedor!

ORESTES

Não são simples fantasmas que me atemorizam;
vejo-as muito bem! Elas estão ali!
São as cadelas rábidas de minha mãe!⁴²

1360

CORIFEU

Há muito sangue ainda fresco em tuas mãos;
vêm dele as alucinações de tua mente!

ORESTES

Apolo, meu senhor! Ei-las ali, olhando-me,

1365

em número incontável e sempre crescente!
Goteja de seus olhos sangue repugnante!

CORIFEU

Há uma purificação para teu ato:
vai ao templo de Apolo e toca o deus com a mão;
ele te livrará desta aflição enorme.

1370

ORESTES

Não podes vê-las, mas as vejo perseguindo-me
e não tenho o direito de ficar aqui!

(ORESTES sai correndo.)

CORIFEU

Então vai logo para onde deves ir
e sê muito feliz! Desejo que algum deus
te olhe com benevolência e te conceda
melhores dias depois dessas desventuras!

1375

CORO

Consuma-se a terceira tempestade
neste palácio de nossos senhores,
causada por seus próprios habitantes.
Os filhos de Tiestes⁴³, inda infantes,
mortos e devorados num banquete
iniciaram a seqüência horrenda
de nossas amarguras; em seguida
foi morto o comandante dos Aqueus,⁴⁴
um rei assassinado torpemente
enquanto se banhava descuidoso.
Agora, na terceira vez, chegou
- como direi? - o fim? A salvação?
Onde se deterá, ou findará,
a Ira precursora da Vingança⁴⁵?

1380

1385

FIM

NOTAS às COÉFORAS

1. Os primeiros dez versos faltam nos manuscritos conservados e foram reconstituídos graças a citações de Aristófanos (*As Rãs*, versos 1126 e seguintes) e a comentaristas antigos.
2. Hermes: filho de Zeus e de Maia na mitologia grega, mensageiro de seu pai e deus incumbido de levar as almas dos mortos aos infernos.
3. Ínaco: deus de um rio homônimo situado em Argos; Orestes consagra-lhe a mecha de cabelos porque os rios eram cultuados como fontes de vida.
4. Zeus: o deus maior da mitologia grega (Júpiter na mitologia romana).
5. "Agrado ingrato": procuramos manter na tradução o jogo de palavras *khárin akháriton* do original. Adotamos o mesmo procedimento em outras numerosas passagens das tragédias constantes deste volume, onde ocorre esse recurso estilístico. "Ela", no verso 60, é Clitemnestra.
- 5a. "A noite interminável": a morte.
6. O "refúgio contra o mal e contra o bem" é o túmulo.
- 6a. "Arco citio": eram famosas as armas dos habitantes da Cítia, região correspondente a grande parte da atual Rússia ocidental.
7. Alusão metafórica a Orestes.
8. Ifigênia, filha de Agamêmnon e de Clitemnestra, sacrificada em Áulis pelo pai durante os preparativos da expedição dos gregos contra Tróia.
9. Zeus: veja-se a nota 4.
10. Fúrias: em grego *Erinyes*, também chamadas de Benévolas e, pejorativamente, de "cadelas"; deusas antiqüíssimas, personificações do remorso, incumbidas de vingar os crimes de morte contra os consangüíneos. Vejam-se as notas 34 e 42.
11. "Dardo negro": o agulhão com que se armavam as Fúrias para atormentar as criaturas que perseguiam.
12. Parcas: em grego *Móirai*, divindades responsáveis pelo destino de cada mortal. As Parcas eram três: Átropos, Clotó e Láquesis.
13. Atridas: descendentes de Atreu, herói epônimo da família de Agamêmnon e de seu irmão Menelau.
14. Escamandro: Rio de Troas, nas proximidades de Tróia.
15. Hiperbóreos: povo lendário habitante do extremo norte do mundo. Depois de desfrutar de uma existência longa e feliz, os hiperbóreos morriam em meio a festas.
16. "Duplo açoite": o clamor dos mortos por vingança.
17. "Carpideiras": literalmente "carpideiras císsias". A Císsia era um território integrante do império persa e suas carpideiras eram famosas na Antiguidade por seu alarido e por sua gesticulação.
18. Perséfone: deusa filha de Zeus e de Deméter e mulher de Hades, deus maior dos infernos.
19. Pelópidas: descendente de Pêlops, pai de Atreu e avô de Agamêmnon.
20. Apolo: deus dos oráculos, inspirador da vingança de Orestes. No original está *Loxias*, um dos epítetos de Apolo que significa "oblíquo", numa alusão à obscuridade dos oráculos.
21. Parnasso: montanha da Focis, uma das mais altas na Europa, onde moravam as Musas.

22. Foceus: habitantes da Focis, região em que se situa o monte Parnasso.
- 22a. Meleagro: filho de Altaia; sua vida estava ligada a um tição, que foi lançado ao fogo para consumir-se quando Altaia soube que Meleagro matara seus tios, irmãos dela, na caçada ao javali de Calidon.
23. Cila: filha de Niso, rei de Mègara, que traiu o próprio pai, causando-lhe a morte para favorecer Minos, rei de Creta.
24. Minos: veja-se a nota anterior.
25. Hermes: veja-se a nota 2.
26. Lêmnios: habitantes da ilha de Lemnos, mortos traiçoeiramente por suas próprias mulheres enciumadas.
27. Dáulis: cidade situada na Focis.
28. Cilissa: nome grego de muitas escravas originárias da Cilícia, região de onde provinham inúmeros escravos trazidos para a Grécia.
29. Atridas: veja-se a nota 13.
30. "E tu": alusão a Apolo (veja-se a nota 20). "Edifício esplêndido": o templo de Apolo em Delfos.
31. "Filho de Maia": Hermes. Veja-se a nota 2.
32. Perseu: herói grego filho de Zeus e da mortal Danae.
33. Pito: sacerdotisa de Apolo e porta-voz do deus em seu oráculo de Delfos.
34. "A maldição": literalmente "as cadelas", um dos nomes pelos quais eram designadas pejorativamente as Fúrias vingadoras. Vejam-se as notas 10 e 42.
- 34a. O "olho da casa": Orestes.
35. Priamidas: descendentes de Príamo, rei de Tróia na época em que sua cidade foi destruída pelos gregos comandados por Agamêmnon.
36. No original está *Loxias*. Veja-se a nota 20.
37. Vejam-se as notas 20 e 33.
38. "Centro do mundo": Delfos, onde ficava o oráculo mais famoso de Apolo, era tida como o centro do mundo (no original "umbigo" em vez de "centro").
39. Loxias: veja-se a nota 20. A "luz do fogo aceso" no verso seguinte é a chama sempre viva do templo de Apolo.
40. Argivos: habitantes de Argos, onde reinava Agamêmnon.
41. Menelau: irmão de Agamêmnon.
- 41a. Górgonas: monstros femininos cujo olhar petrificava quem os visse de frente.
42. "Cadelas": alusão às Fúrias vingadoras. Veja-se a nota 34.
43. Tiestes: irmão gêmeo de Atreu (veja-se a nota 13) e pai de Egisto, amante de Clitemnestra.
44. Comandante dos aqueus: Agamêmnon.
45. Vingança: *Ate*, em grego, personificação da vingança.

EUMÊNIDES

1. Os prônimos das versões latinas dos manuscritos conservados...
2. Hermeto, filho de Zeus e de Maia, na mitologia grega, nomeado...
3. Juntos, deus de um rio ponteciano situado em Argos, Oros...
4. Zeus, deus maior da mitologia grega (Júpiter na mitologia...
5. Hermeto manteve as tradições e o povo de...
6. O "estágio conta o local e conta o bem" é o templo.
7. Atrides, descendentes de Atreu, herói épico da família...
8. Ifigênia, filha de Agamêmnon e de Clitemnestra, sacrificada...
9. Zeus, veja-se a nota 4.
10. Pórcis, em grego Eurypter, também chamada de Boreades e...
11. "Dado negro": o aguilhão com que se martirizava a Fúria...
12. Pórcis, em grego Múrcis, divindades responsáveis pelo destino...
13. Atrides, descendentes de Atreu, herói épico da família...
14. Baco, deus do vinho, das proezas da Tróia.
15. Hipodôco, povo lendário habitante do extremo norte do...
16. "Duplo nome": o clamor das montes por vírgens.
17. "Carpeles": inicialmente "carpeles celtas". A Celta...
18. Hermeto, deus filho de Zeus e de Deméter e mulher de Hermeto...
19. Pórcis, descendentes de Pórcis, pai de Atreu e avô de Agamêmnon.
20. Apolo, deus das artes, inspirador da virgindade de Orfeu, do original...
21. Pórcis, montes de Pórcis, uma das mais altas da Europa...



Época da ação: idade heróica da Grécia (cerca de 1200 a.C.).

Locais: Delfos e Atenas.

Primeira representação: 458 a.C., em Atenas.

PERSONAGENS

ORESTES, filho de Agamêmnon e de Clitemnestra

APOLO

ATENA

FANTASMA DE CLITEMNESTRA

PROFETISA PITIA, já idosa

CORO DAS FÚRIAS (seis)

ESCOLTA

HERMES

CENÁRIO

Em Delfos, diante do templo de APOLO. A PROFETISA entra em cena e se encaminha para a porta fechada do templo. Antes de entrar, detém-se e se inclina reverentemente diante da trípode onde se sentava para profetizar.

PROFETISA

Dou nesta prece inicial a precedência
entre todos os deuses à sagrada Terra,
a mais antiga de todas as profetisas;
depois invoco Têmis¹, a segunda deusa
a ter assento no trono de sua mãe, 5
de acordo com alguns relatos; em seguida,
com o consentimento da divina Têmis
e sem qualquer preterição, subiu ao trono
outra filha da Terra – a Titanide Febe –;
esta o passou depois a Febo², como dádiva 10
para marcar o dia de seu nascimento.
Febo, que deve a Febe seu sagrado epíteto,
abandonando o lago e os montes de Delos,
depois de conhecer o litoral de Palas,
apreciado pelas naus, chegou a Delfos, 15
junto ao Parnasso, sua nova residência.
Lá os filhos de Hefesto³ o homenagearam
com toda a reverência, abrindo-lhe caminhos
para a conquista do território indomado.
O povo todo e Delfos, timoneiro e rei 20
daquela região, instituíram logo
o culto solene de Febo Apolo e Zeus⁴,
dando a Febo imortal a ciência divina⁵,
e decidindo pô-lo neste augusto assento
para ser desde então o seu quarto profeta; 25
aqui Apolo⁶ é o porta-voz de Zeus, seu pai.
São estes os deuses que invoco em minhas preces.

(Voltando-se primeiro para a imagem de ATENA, e sucessivamente para as imagens dos outros deuses que invoca.)

Atena⁷ tem também um lugar destacado
em minha fala; menciono ainda as Ninfas
que moram na caverna da rocha Corícia, 30
onde vão deleitar-se os pássaros e um deus;
naquela região o rei divino é Brômio⁸
(jamais o esqueceria!) desde que saiu
à frente do longo cortejo das Bacantes
e fez Penteu⁹ morrer como se fosse lebre. 35
Também invoco as águas do sagrado Pleisto¹⁰,
a força enorme do divino Poseidon
e Zeus onipotente antes de me sentar
como sacerdotisa no meu próprio trono.
Bendigam eles hoje mais que noutros dias 40
minha presença no lugar santificado.
Se aqui se encontram quaisquer peregrinos gregos,
devem aproximar-se como de costume
na ordem predeterminada pela sorte;
de minha parte profetizarei agora 45
tudo que me for inspirado pelo deus.

*(A PROFETISA entra no templo e logo depois sai
horrorizada, apoiando-se na porta e nas colunas do
templo.)*

Ah! Não consigo descrever um espetáculo
cuja simples visão me deixa transtornada
e me força a deixar o templo de Loxias,
de tal maneira horrível que perdi o ânimo 50
e não consigo, embora queira, estar de pé.
Tenho de me valer das mãos para mover-me,
pois minhas pernas trôpegas não me sustentam.
Qual a valia de uma velha estarecida?
Nenhuma; é como se ela fosse uma criança. 55
Eu caminhava em direção ao santo altar
repleto de oferendas, e meus olhos viram
junto à pedra central do templo um ser humano
marcado pela maldição das divindades;
ele estava sentado como suplicante 60
e com as mãos ensangüentadas segurava
um punhal retirado havia pouco tempo
de um ferimento; em suas mãos ainda estava
um longo ramo de oliveira recoberto
devotamente por uma camada espessa 65
de alva lã - serei mais clara se disser

que aquilo parecia a pele de um carneiro.
Em frente ao homem há um grupo de mulheres
de aspecto estranho adormecidas nos assentos.
Falei que são mulheres? Devo dizer Górgonas! 70
Talvez não seja boa esta comparação;
não é a Górgonas que devo referir-me.
Lembro-me bem de ter visto em pintura um dia
as Hárpis¹¹ no justo momento em que tiravam
furtivamente os alimentos de Fineu. 75
Estas daqui, porém, parecem não ter asas;
o seu aspecto é tenebroso e repelente;
enquanto falam não se suporta seu hálito
e de seus olhos sai um corrimento pútrido;
seus trajes são inteiramente inadequados 80
a quem está diante dos augustos deuses
ou mesmo em casa de criaturas humanas.
Nunca e em parte alguma vi seres assim
e não consigo imaginar que algum lugar
possa tê-las criado sem se arrepender 85
e lamentar amargamente esse castigo.
Quanto ao que ainda está por vir, tudo depende
do deus senhor deste recinto consagrado
- Loxias poderoso -; ele cura as pessoas
graças a seus oráculos sempre verazes, 90
é um intérprete infalível de portentos
e purifica os lares de todos os homens.

*(A PROFETISA afasta-se: abre-se a porta do templo;
vê-se ORESTES sentado na pedra que marca o centro
do templo; APOLO está de pé a seu lado. As FÚRIAS
estão adormecidas nos assentos do templo.)*

APOLO

(Dirigindo-se a ORESTES.)

Jamais te trairei! Serei até o fim
teu guardião fiel, quer esteja a teu lado,
quer nos separem distâncias intermináveis, 95
e em tempo algum protegerei teus inimigos.
Já podes ver as Fúrias todas dominadas;
vencidas por pesado sono, ei-las imóveis,
estas virgens malditas, filhas antiqüíssimas
de um passado remoto; nunca as possuíram 100

quaisquer dos deuses, homens e nem mesmo feras.
 Nascidas para o mal, coube-lhes em partilha
 a treva deletéria do profundo Tártaro¹²,
 criaturas malditas por todos os homens
 e pelos deuses que se reúnem no Olimpo. 105
 Deves, porém, fugir daqui e ter cuidado.
 Elas querem continuar a perseguir-te
 e te procurarão por todos os lugares,
 tentando sempre te expulsar de onde estiveres
 em tuas longas caminhadas sem destino, 110
 além do mar e das cidades que ele cerca.
 E não te deixes dominar pelo cansaço
 enquanto pastoreias tuas desventuras;
 mas, quando perceberes que afinal chegaste
 à nobre cidade de Palas¹³, ajoelha-te 115
 e abraça a imagem antiqüíssima da deusa.
 Na mesma ocasião, diante de juízes
 e com palavras adequadas ao momento
 descobriremos a maneira de livrar-te
 definitivamente de teu sofrimento, 120
 pois fui eu mesmo, e mais ninguém, que te induzi
 a ferir mortalmente a tua própria mãe.

ORESTES

Sabes ser justo, Apolo rei, quando te apraz;
 cumpre-te ainda estar atento até o fim,
 pois teu poder de fazer bem e proteger-me 125
 é minha garantia de sucesso pleno.

(*Entra HERMES.*)

APOLO

(*Dirigindo-se primeiro a ORESTES e depois a HERMES.*)

Lembra-te, Orestes! Não permitas que o temor
 domine a tua mente! E tu, Hermes divino¹⁴,
 meu caro irmão, em cujas veias corre o sangue
 de um deus que é nosso pai, zela também por ele! 130
 Justifica teu nome e cuida de guiar
 como um pastor fiel este meu suplicante!
 Não podes ignorar o respeito de Zeus
 pelos proscritos em circunstâncias iguais

às deste que te entrego para ser levado 135
 ao julgamento dos mortais sem mais delongas,
 com recomendações de sorte favorável.

(*Sai APOLO. ORESTES parte conduzido por HERMES.
 Aparece o fantasma de CLITEMNESTRA, que se dirige
 ao CORO das Fúrias adormecidas.*)

FANTASMA DE CLITEMNESTRA

Dormis profundamente! Qual a serventia 140
 de sonolentas como vós? Por vossa causa
 sou vilipendiada no mundo dos mortos,
 que não cessam de me humilhar qualificando-me
 injuriosamente de assassina, lá,
 vagando envergonhada em meio a tantas sombras! 145
 Sou acusada nas profundezas do inferno
 de um crime bárbaro e como se não bastasse,
 após a minha morte nas mãos de meu filho
 (destino atroz!) nenhum dos deuses se revolta 150
 e mostra sua cólera a favor da mãe!
 Vede com vossos corações estas feridas,
 pois quando adormecida a mente é iluminada
 e seus olhos são muitos, mas à luz do dia
 nosso destino é totalmente imprevisível.
 Ah! Quantas vezes viestes sugar em bandos 155
 as minhas oferendas generosas,
 as apaziguadoras libações sem vinho,
 e vos propicieis banquetes numerosos
 durante as noites sacrossantas nos altares
 iluminados pelas chamas crepitantes 160
 em horas execradas pelos outros deuses¹⁵!
 E vós calcastes tudo isso sob os pés!
 Ele escapou e desapareceu daqui
 como se fosse alguma corça ainda nova
 livrando-se num salto ágil da armadilha
 e zombando de vós com um riso sarcástico! 165
 De pé, deusas das profundezas infernais!
 Como num sonho invoco-vos, eu, Clitemnestra!

(*Ouvem-se uivos do coro das Fúrias. O fantasma de
 CLITEMNESTRA dirige-se ao CORO.*)

Uivai! Uivai! O homem desapareceu,
fugindo para longe! Ele tem seus amigos
e eu - pobre de mim! - não tenho um sequer! 170

(Ouvem-se novos uivos do CORO.)

Continuais dormindo e não vos comoveis
com meu enorme sofrimento! O criminoso,
o matricida Orestes, desapareceu!

(Ouvem-se gemidos do CORO.)

Gemeis, dormis... Não vos levantareis depressa?
Tendes outra função além de fazer mal? 175

(Ouvem-se novos gemidos do CORO.)

O sono e a fadiga, invictos conjurados,
consumiram as forças dos dragões terríveis!

CORO

(Entre uivos estridentes.)

Pegai! Pegai! Pegai! Tende cuidado!

FANTASMA DE CLITEMNESTRA

(Dirigindo-se ao CORIFEU.)

Agora persegues a fera em sonho e gritas
como esses cães que nunca deixam seu canil
para atacar a caça! Dize-me: que fazés? 180

Vamos! Levanta-te! Não te deixes vencer
pela fadiga a ponto de esquecer ofensas!
Incita o coração com justas reprimendas,
pois elas estimulam as pessoas sábias! 185

Exala sobre Orestes teu sangrento hálito!
Trata de ressecá-lo com o vapor de fogo
que sai insuportável de tuas entranhas!
Deve extenuá-lo até tirar-lhe o fôlego
numa perseguição feroz e implacável! 190

*(Desaparece o fantasma de CLITEMNESTRA; as FÚRIAS,
incitadas pelo CORIFEU, despertam uma após outra.)*

CORIFEU

Desperta, e tu, desperta outra companheira,
como já fiz contigo! Ainda estás dormindo?
Ergue-te e afasta já o sono de teus membros!
Não nos deixemos iludir ao persegui-lo!

CORO

Ai! Ai! Como temos sofrido, amigas! 195

UMA DAS FÚRIAS

Sofri demais e tudo foi inútil!

CORO

Sofremos tanto! Insuportáveis penas!
Rompendo a rede, a fera foi embora!

OUTRA FÚRIA

Perdi a presa! O sono me venceu!

CORO

Agas como um ladrão, filho de Zeus!¹⁶ 200
Sim! Tu, Apolo, um jovem deus, superas

idosas deusas! Só por piedade
proteges um indigno suplicante,
homem sem deus, cruel com sua mãe!
És deus, e nos roubas um matricida! 205
Quem pode ver justiça em tudo isto?

OUTRA FÚRIA

Do fundo de meus sonhos uma afronta,
brutal como o agulhão que algum cocheiro
empunha firmemente, vem ferir-me
o coração e até minhas entranhas. 210
Sinto passar por mim um calafrio
mortificante, similar ao látego
do mais impiedoso dos verdugos.

CORO

Assim procedem os deuses mais novos,
 ávidos de poder sobre este mundo 215
 e descuidosos da santa justiça,
 num trono maculado pelo sangue
 desde seus pés até a cabeceira.

OUTRA FÚRIA

Tenho a impressão de ver com os próprios olhos
 o centro deste mundo¹⁷, poluído 220
 pelo sangue de um bárbaro homicídio!

CORO

Apolo, deus-profeta, conspurcou
 seu próprio lar sem qualquer compulsão,
 e sem ser provocado transgrediu
 as sacras leis; por um simples mortal 225
 o deus rasgou o pacto muito antigo¹⁸.

OUTRA FÚRIA

Agindo assim ele ganhou meu ódio
 sem conseguir salvar seu protegido.
 Ainda que se oculte sob a terra
 Orestes não se livrará de nós. 230
 Culpado de assassinio, onde ele for
 encontrará por certo um vingador
 disposto a golpeá-lo na cabeça.

APOLO

*(Saindo de seu templo com um arco nas mãos, pronto
 para ser usado.)*

Abandonai agora mesmo a minha casa!
 Ordeno-vos! Deixai em paz o santuário 235
 onde proclamo profecias verdadeiras;
 se não obedecdes sereis atingidas
 pelas serpentes sibilantes de asas brancas¹⁹
 que, saltando da corda de meu arco áureo,

vos forçarão a vomitar entre estertores
 a negra espuma que deveis a tantos homens 240
 e a expelir o sangue que sugastes deles!
 Esta casa, de fato, não é adequada
 à vossa companhia. Não! Vosso lugar
 é lá onde há sentenças de degolamento
 e olhos a ser arrancados, ou então 245
 onde gargantas são abertas, ou ainda
 onde, para extinguir toda a virilidade,
 meninos são castrados, onde se mutila,
 onde seres humanos morrem lapidados, 250
 onde vítimas empaladas, gemebundas,
 esvaem-se numa agonia interminável!
 Ouvistes, monstros odiados pelos deuses,
 a relação de vossas festas preferidas?
 E vosso aspecto é condizente com tal gosto! 255
 Deveríeis viver em antros de leões
 sorvedores de sangue, em vez de poluir
 os muitos visitantes do templo profético!
 Ide pastar sem um pastor longe daqui,
 pois deus nenhum desejaria tal rebanho! 260

CORIFEU

Ouve-me, Apolo rei; dá-me a palavra agora.
 Não és um simples cúmplice; é toda tua,
 de mais ninguém, a culpa neste crime horrível.

APOLO

Mas como? Fala apenas para responder!

CORIFEU

Teu santo oráculo ordenou ao suplicante
 que assassinasse a própria mãe com suas mãos. 265

APOLO

O oráculo ordenou-lhe que vingasse o pai.

CORIFEU

E prometeste proteção ao assassino,
 embora ainda houvesse sangue em suas mãos!

APOLO

Mandei-o vir aqui para expiar o crime.

270

CORIFEU

Por que, então, deténs suas perseguidoras?

APOLO

Porque neste lugar elas não são bem-vindas.

CORIFEU

Queremos simplesmente cumprir um dever.

APOLO

Mas, que dever? Exalta essas prerrogativas!

CORIFEU

Cumpre-nos expelir do lar os matricidas!

275

APOLO

E que fazes quando a mulher mata o marido?

CORIFEU

Não se derrama o mesmo sangue nesse crime.

APOLO

Degradas, reduzindo a pouco mais que nada, um pacto cujos fiadores principais são Hera²⁰, padroeira das núpcias legítimas, e o próprio Zeus; tuas palavras inda aviltam Afrodite²¹ divina, de quem tantos homens recebem suas alegrias mais queridas.

280

O leito nupcial onde o destino une o homem e a mulher, recebe a proteção de um direito divino, cuja força enorme

285

excede a que garante os santos juramentos.

Se para aqueles que se matam uns aos outros és a tal ponto complacente que te esqueces e não os punes nem os marcas com teu ódio, declaro iníqua essa perseguição a Orestes.

290

Percebo que teu coração quer castigar apenas um dos crimes, enquanto se omite da maneira mais clara em relação ao outro.

Palas, porém, irá pesar devidamente os direitos das duas partes em litígio.

295

CORIFEU

Jamais permitirei que Orestes fique impune!

APOLO

Vai persegui-lo, então! Sofrerás mais por isso!

CORIFEU

Não me tiras os privilégios com palavras!

APOLO

Não me interessam privilégios como os teus!

300

CORIFEU

Dizem que teu poder junto ao trono de Zeus é muito grande; quanto a mim, sou impelida pelo sangue de uma desventurada mãe e continuarei a perseguir Orestes como se eu fosse um cão de caça em sua pista!

305

APOLO

Serei então perseverante na defesa e salvação de quem me implora que o proteja. É insuportável para os deuses e os mortais a ira de um desesperado suplicante contra quem o traiu depois de o apoiar.

310

(O CORO retira-se lentamente. Fecha-se a porta do templo de Apolo. O cenário muda para a Acrópole de Atenas, diante do templo de Palas Atena, à frente do qual se vê uma imagem da deusa. Entra HERMES conduzindo ORESTES, que abraça a imagem.)

ORESTES

Estou chegando aqui por ordem de Loxias,
Atena soberana; acolhe com clemência
um homem amaldiçoado. Já não sou
um suplicante cujas mãos estão impuras;
a minha mácula gastou-se e desbotou
na convivência amável com seres humanos 315
que me hospedaram em seus lares respeitáveis
enquanto eu vagueava por terras e mares.
Obediente ao mandamento de Loxias
em seu sagrado oráculo, chego afinal 320
ao pé de tua imagem e a teu templo, deusa!
Aqui aguardo o veredicto da Justiça!

(As Fúrias do CORO entram em cena, dispersas, seguindo as pegadas de ORESTES.)

CORIFEU

Ah! Muito bem! Já vejo rastros dele, e nítidos!
Sigamos a evidência de um delator mudo.
Como velozes cães de caça atrás de um cervo 325
recém-ferido, assim eu sigo a trilha dele
pelas gotas do sangue que ainda o macula.
Meu coração fraqueja de cansaço e penas,
pois percorri a terra toda procurando-o
com minhas companheiras; afinal chegamos, 330
após vencer o mar e suas altas ondas,
voando sem ter asas e muito mais rápidas
que as naus velozes em suas longas viagens.
Agora Orestes deve estar acororado
em um lugar qualquer pelas proximidades. 335
O odor de sangue humano faz-me gargalhar!

(O CORO dirige-se primeiro ao CORIFEU; depois as várias FÚRIAS dirigem-se umas às outras.)

CORO

Abre teus olhos, esquadrinha tudo
para que o matador de sua mãe
não fuja astutamente e fique impune!

UMA DAS FÚRIAS

(Percebendo ORESTES.)

Já posso vê-lo em sua tentativa 340
de proteger-se ainda desta vez.
Cingindo firmemente com seus braços
a santa imagem de Palas Atena,
ele afinal deseja ser julgado
pelo crime brutal de suas mãos. 345

OUTRA FÚRIA

Isto não pode acontecer! Não pode!
O sangue maternal, se derramado,
nunca, jamais poderá refluir!
Após correr e se entranhar na terra,
está perdido para todo o sempre! 350

OUTRA FÚRIA

Para aplacar a minha sede, Orestes,
enquanto vives deixa-me sugar
de tuas veias, em compensação,
essa bebida horrível que é o sangue
como se fosse uma oferenda rubra! 355

OUTRA FÚRIA

Esgotarei a tua força toda
e te transportarei ainda vivo
para os abismos mais fundos da terra,
onde afinal possas pagar o preço
que um matricida deve à sua mãe.

OUTRA FÚRIA

Lá te serão mostrados os sacrílegos
que ousaram ofender as divindades,

seus hóspedes ou seus progenitores,
sofrendo cada um a punição
imposta pela impávida justiça!

365

OUTRA FÚRIA

Hades²², nas profundezas infernais,
cobra sem compaixão alguma as dívidas
das criaturas cujas faltas guarda
com zelo sua alma onividente.

ORESTES

A desventura me ensinou muitas maneiras
de purificação, e também aprendi
a distinguir a hora de silenciar
da hora em que se tem direito de falar.

370

Em relação às circunstâncias atuais,
um mestre sábio me deu ordens peremptórias
para manifestar-me decididamente.

375

O sangue em minhas mãos está adormecido
e desbotou; a mácula do matricida
está lavada; ainda fresca em minha pele
ela foi removida por um deus - por Febo -
em seu altar, após a purificação

380

propiciada pela imolação de um porco.
Seria uma história longa mencionar
desde o princípio todas as pessoas
que visitei e não perderam a pureza

385

diante de minha presença e companhia
(com o perpassar do tempo tudo se desfaz).
Agora, então, posso invocar com lábios puros
e sem o risco de cometer sacrilégio
a deusa soberana desta região:

390

que Atena venha socorrer-me, e assim fazendo
sem recorrer às armas me conquistará
e além de mim a minha terra insigne, Argos,
e todos os seus numerosos habitantes
que passarão a ser desde hoje e para sempre
seus aliados mais leais e valorosos.

395

Ainda que ela esteja na distante Líbia²³,
na região do rio Trítion, cujas margens
puderam vê-la na hora do nascimento,

seja em repouso, seja numa ação de guerra
levando a salvação à sua gente amada,
ou se estiver à frente de bravos soldados
comandando a defesa dos campos de Flegra²⁴
- mesmo de longe os deuses ouvem os apelos -,
que venha a mim para salvar-me deste bando!

400

405

CORIFEU

Assim como não te salvou o próprio Apolo,
Atena também não te ajudará, Orestes!
Perecerás na mais completa solidão,
com tua alma abandonada para sempre
pela alegria - sombra privada do sangue
sugado pelas potestades infernais!

410

(ORESTES cospe na direção do CORIFEU.)

Não me respondes e te atreves a cuspir
sobre minhas palavras, tu, mísera vítima,
nutrida para ser sacrificada a mim!
Ainda vivo, sem sequer ser imolado,
serás a iguaria de nosso banquete!
Escuta o canto que te imobilizará!

415

(As Fúrias do CORO aproximam-se de ORESTES dançando com as mãos dadas.)

CORO

Fechemos este círculo dançante!
Cantemos este pavoroso hino
anunciando como nosso bando
reparte a sorte entre todos os homens!
Consideramo-nos as portadoras
da justiça inflexível; se um mortal
nos mostra suas mãos imaculadas,
nunca o atingirá nosso rancor
e sua vida inteira passará
isenta de todos os sofrimentos.
Mas quando um celerado igual a este
oculta suas mãos ensangüentadas,
chegamos para proteger os mortos
testemunhando contra o criminoso,

420

425

430

e nos apresentamos implacáveis,
para cobrar-lhe a dívida de sangue!

CORIFEU

Ah! Noite, minha mãe que me pariste
para dar o castigo inelutável
tanto a todas as criaturas vivas
como às que já não podem ver a luz,
escuta-me! O deus filho de Leto²⁵
quer humilhar-me salvando esta presa
cujo destino é expiar morrendo
um crime sem perdão - o matricídio!

CORO

Em frente à nossa vítima cantamos
um hino dedicado às sacras Fúrias,
vertiginoso e delirante, a ponto
de provocar nos homens a loucura
e de lhes imobilizar a mente,
canto sem os acordes de uma lira
que os horroriza e os seca de medo.
O ofício que o destino inexorável
fixou e nos impôs eternamente
é perseguir todas as criaturas
lançadas por sua própria demência
na via tortuosa do homicídio
até descerem ao profundo inferno;
nem mesmo a morte as livrará da pena.
Quando nascemos foi-nos confiada
esta prerrogativa; os imortais
não podem estender as suas mãos
para usurpá-la, nem aparecer
como convivas em nossos banquetes,
mas, em compensação, nunca vestimos
roupas imaculadamente brancas;
nossa incumbência é destruir as casas
onde a Discórdia²⁶, sem ser convidada,
vem instalar-se perto da lareira
e causa a morte de um ente querido.
Por mais potente que seja o culpado
erguemo-nos imediatamente

e iniciamos a perseguição
até matá-lo na poça do sangue
ainda fresco da mísera vítima. 470
Aqui estamos e nosso propósito
é evitar que divindades novas
tenham de arcar com essa obrigação;
também queremos afirmar agora 475
que falta a qualquer deus autoridade
para afastar-nos de nosso dever;
então Orestes não pode sequer
ser conduzido à presença de um deles
em busca da divina decisão. 480
Zeus considera indigna de seu cetro
a vizinhança dessa gente impura
ainda maculada pelo sangue.
As glórias mais prezadas pelos homens
que vivem sob o céu se desintegram 485
e perdem-se aviltadas cá na terra
tangidas por nossos véus tenebrosos
e pelos malefícios oriundos
de nossos passos numa dança tétrica.
Saltamos com nossos pés vigorosos 490
para pisotear pesadamente
até os corredores mais velozes.
Em sua insanidade Orestes cai,
sem perceber, num delírio que o perde
(é impenetravelmente negra a noite 495
que sua mácula envolvente estende
sobre seus olhos, como se o cegasse),
enquanto uma nuvem sombria desce
e encobre todo o palácio paterno
de acordo com rumores aflitivos. 500
Eis-nos aqui; lentas para pensar
mas decididas para executar,
nunca esquecendo os crimes praticados,
nós, as temíveis, temos o poder
de bem cumprir nossa missão, humildes 505
e desprezadas, distantes dos deuses
num pântano sem sol, intolerável
para quem já morreu e para os vivos.
Então, qual o mortal que pode ouvir
sem reverência e sem grande temor 510
a lei que nos impôs outrora a Parca,

- se existe coisas que eu leio como os gregos? aonde eu me igualo aos gregos?



ratificada por todos os deuses?
Ainda é nosso um apanágio antigo
e não nos faltam altas honrarias,
embora moremos num negro abismo
onde jamais entrou a luz do sol.

2500 (Entra ATENA.)

ATENA

Ouvi de muito longe um estridente apelo
enquanto andava às margens do Escamandro²⁷;
lá eu tomava posse da terra pujante
que os reis e comandantes dos aqueus²⁸ valentes
me consagraram como o dom mais valioso
dos ricos despojos de guerra, e cujo solo
agora me pertence para todo o sempre
como o quinhão mais precioso oferecido
aos bravos filhos de Teseu²⁹. Venho de lá
trazida por meus ágeis pés infatigáveis,
impulsionando aos ventos como se asa fosse
a minha sacra égide enfunada, à guisa
de carro a que se atrelam céleres corcéis.
Agora, vendo à minha frente um bando insólito
de visitantes, não me sinto temerosa,
porém há em meus olhos natural espanto.

(Dirigindo-se às Fúrias do CORO.)

memória - justiça - oligarquia - esperança

515

525

530

535

540

Quem sois, então? Estou falando a todos vós:
ao estrangeiro piamente acororado
aos pés de minha imagem, e também a vós,
cuja figura estranha em nada se assemelha
a criatura alguma (os deuses não vos contam
entre os numes celestes e vossas feições
em nada lembram as dos homens e mulheres).
Mas insultar quem não nos deu qualquer motivo
para ser denegrado ou mesmo censurado,
além de ser injusto é contra a equidade.

CORIFEU

Irás saber de tudo resumidamente,
filha de Zeus: somos as tristes descendentes

universal latemporal

da negra Noite; nas profundezas da terra,
onde moramos, chamam-nos de Maldições.

545

ATENA

Agora sei quem sois e o nome que vos dão.

CORIFEU

Logo conhecerás nossas prerrogativas.

ATENA

Se me falardes claramente, saberei.

CORIFEU

Fomos buscar em sua casa um assassino.

550

ATENA

E para onde o leva essa perseguição?

CORIFEU

Para um lugar onde ninguém se sente alegre.

ATENA

E o maldizeis com gritos quando ele vos foge?

CORIFEU

É, sim, pois ele ousou matar a própria mãe.

ATENA

Alguém o constrangeu a cometer o crime,
ou ele tinha medo de alguma vingança?

555

CORIFEU

Mas, pode a compulsão levar ao matricídio?

Dim + ...

ATENA

Estão aqui neste momento duas partes
e ouvi apenas a metade dessa história.

CORIFEU

Mas, ele não jurou, nem quis que nós jurássemos...³⁰ 560

ATENA

Quereis parecer justas, mas não estais sendo.

CORIFEU

Que pretendes dizer? Explica-te melhor,
pois bem se vê que não és pobre em sapiência.

ATENA

Digo que os juramentos não têm o poder
de transformar uma injustiça em ato justo. 565

CORIFEU

Então, depois de ouvi-lo julga retamente.

ATENA

Pretendeis confiar-me a decisão da causa?

CORIFEU

E por que não? Assim seremos reverentes
a quem é digna de nossa veneração.

ATENA

(Dirigindo-se a ORESTES.)

Agora é tua vez; responde-me, estrangeiro. 570
Primeiro fala-me da terra onde nasceste,
de tua raça e também de teus infortúnios,

antes de dar respostas às acusações.
Se tens de fato confiança na justiça,
tu, que procuras proteção junto ao meu templo 575
e envolves minha santa imagem com teus braços,
como se fosses piedoso suplicante
igual ao celebrado Ixíon³¹, esclarece-me
sobre os reais motivos da perseguição.

ORESTES

Atena soberana! Devo começar 580
por tuas últimas palavras, pois assim
desfaço logo tuas preocupações.
Não sou um ser maldito, nem estou aqui
ao pé de tua imagem com mãos maculadas,
e disso posso dar-te uma prova cabal. 585
A lei aqui impõe silêncio ao criminoso
até o dia em que um purificador
do sangue derramado esparja sobre ele
o sangue de um animalzinho degolado. 590
Há muito tempo me livrei de minha mácula
nos lares por onde passei e nas viagens
que fiz por tantas terras e através dos mares.
Tira de tua mente, então, os teus cuidados.
Quanto ao meu nascimento, logo saberás:
Argos é minha pátria; o nome de meu pai 595
(tu o conheces muito bem) é Agamémnon,
comandante de homens e naus; com tua ajuda
ele fez Tróia desaparecer da terra.
Esse famoso rei morreu ingloriamente
no dia em que, depois de terminada a guerra, 600
voltou vitorioso ao lar. A minha mãe,
levando a termo seus desígnios tenebrosos,
atreveu-se a matá-lo depois de envolvê-lo
numa rede tecida em cores variadas,
que ainda existe para ser um testemunho 605
do crime pérfido dentro de uma banheira.
Após um longo exílio regresssei à pátria
e matei minha mãe - não negarei o fato -
para punir a morte de meu pai querido.
Tão responsável quanto eu pelo homicídio 610
é o próprio Apolo, cujo oráculo veraz
para incitar meu coração mostrou-me as penas

que eu sofreria se não quisesse cumprir
as suas ordens para punir os culpados.
Decide tu se meu ato foi justo ou não;
estou em tuas mãos; haja o que houver comigo
aceito resignadamente o veredicto.

ATENA

Se se considerar que o caso é muito grave
para ser decidido por simples mortais,
tampouco terei permissão para julgar
os criminosos motivados em seus atos
pelo desejo rancoroso de vingança;
sob outro aspecto, chegas como suplicante,
purificado pelos ritos pertinentes
e inofensivo para o meu sagrado altar.
Por isso minha decisão é acolher-te,
pois tua vinda não ofende esta cidade.
Mas estas criaturas que te perseguiram
sem dúvida são detentoras de direitos
merecedores de toda a nossa atenção;
se lhes negarmos a vitória em sua causa
todo o veneno do seu ódio cairá
sobre esta terra como um mal intolerável
trazendo-nos intermináveis amarguras.
Nesta situação, quer eu lhes dê ouvidos,
quer não as favoreça, terei de sofrer
inevitáveis dissabores. Entretanto,
já que a questão chegou a meu conhecimento
indicarei juízes de crimes sangrentos,
todos comprometidos por um juramento,
e o alto tribunal assim constituído
terá perpetuamente essa atribuição³².
Apresentai, então, vós que estais em litígio,
testemunhas e provas - indícios jurados
bastante para reforçar vossas razões.
Retornarei depois de escolher os melhores
entre todos os cidadãos de minha Atenas,
para que julguem esta causa retamente,
fiéis ao juramento de não decidirem
contrariamente aos mandamentos da justiça.

(Sai ATENA.)

615

620

625

630

635

640

645

650

CORO

Prognosticamos para muito breve
o advento de uma grave subversão
devida a novas leis, se triunfar
a causa torpe deste matricida!
Logo seu crime justificará
o desrespeito de todos os homens,
e talhos incontáveis de punhais
licitamente dados pelos filhos
serão a recompensa de seus pais
antes de se passarem muitos anos!
Isso acontecerá porque as Fúrias,
cuja incumbência é vigiar os homens,
terão cessado displicentemente
de provocar rancor contra assassinos.
A partir deste dia soltaremos
os freios que até hoje contiveram
os homicidas de todos os tipos.
Os homens perguntar-se-ão atônitos
(cada um deles prestes a contar
as desventuras de seus semelhantes)
quando terminarão suas desditas
ou quando poderão ter uma trégua,
mas seu único alívio - ah! infelizes! -
será trocar conselhos e remédios
inúteis para a cura de seus males!
E quando algum mortal for atingido
pelo infortúnio, não nos peça ajuda
nem nos invoque desvairadamente:
"Ah! Fúrias em seus tronos! Ah! Justiça!"
Talvez esses gemidos tristes venham
de um pai ou de uma transtornada mãe,
vítimas novas de um destino insólito,
pois a justiça neste dia vê
que seu reduto está desmoronando!
As vezes o temor é bom e deve,
como se fosse um guardião da mente,
manter-se vigilante em seu lugar.
É útil aprender sabedoria
tendo por mestre o próprio sofrimento.
Quem não refreia o coração com o medo
- tanto as cidades como os habitantes -

655

660

665

670

675

680

685

690

não é capaz de curvar-se à justiça.
 Não deveis submeter-vos nesta vida
 nem à anarquia nem ao despotismo.
 Sempre a prudência é vitoriosa
 pois deram-lhe os deuses o privilégio
 de limitar até os seus poderes. 695
 Cabem aqui palavras oportunas:
 a insolência é filha predileta
 da falta de respeito às divindades;
 ao contrário, a felicidade nasce
 da sã razão, e todos os mortais
 clamam por ela em suas orações.
 Pensando em tudo isso repetimos:
 à lei suprema impõe que se venere
 o altar santificado da justiça 700
 em vez de com pés ímpios ultrajá-lo
 cedendo à sedução de uma vantagem;
 o castigo virá e ao desenlace
 nenhuma criatura escapará. 710
 Então, elevem-se acima de tudo
 o respeito sempre devido aos pais
 e a hospitalidade a quem a pede.
 Quem por si mesmo e sem constrangimento
 sabe ser justo, será venturoso
 e nunca estará totalmente morto. 715
 Mas o contestador audacioso
 curvado ao peso de muitas riquezas
 amontoadas de qualquer maneira
 e contra os mandamentos da justiça,
 será forçado no devido tempo 720
 - isso eu garanto! - a recolher as velas
 quando a tormenta de castigos duros
 cair com violência sobre a nau
 partindo o mastro que lhe fuge às mãos;
 ele faz preces que ninguém escuta
 e luta inutilmente pela vida
 sob o açoite das vagas revoltas. 725
 Os céus riem ao ver o insolente
 que não pôde prever a hora trágica
 e agora desespera ao enfrentar
 tamanha desventura sem remédio,
 incapaz de vencer os vagalhões. 730
 No choque violento e irresistível

contra os escolhos da justiça atenta
 o infeliz vê naufragar, perdido, 735
 sua prosperidade anterior
 e sem uma lamentação sequer
 perece para ser logo esquecido.

(ATENA reaparece seguida por um arauto que apresenta os juizes. Estes sentam-se de frente para o público, enquanto o CORO das Fúrias se agrupa em um dos lados do proscênio. ORESTES, obedecendo a um gesto dos juizes, fica de pé em frente ao CORO.)

ATENA

Dá um sinal, arauto, impondo ao povo a ordem
 e faze com que repercuta até o céu 740
 a tua estrídula trombeta da Tirrênia³³,
 levando até os ouvidos desta multidão
 a tua voz aguda. Enquanto o tribunal
 estiver reunido, faça-se silêncio, 745
 pois a cidade terá de escutar as leis
 que aqui e agora crio para persistirem
 até o fim dos séculos; graças a elas
 estes juizes poderão fazer justiça.

(Entra APOLO.)

CORIFEU

Limita a tua força, Apolo, a teus domínios!
 Dize, senhor: que tens a ver com esta causa? 750

APOLO

Estou chegando aqui para testemunhar.

(Apontando para ORESTES.)

Este mortal, de acordo com os sacros ritos,
 além de ser meu suplicante é um fiel 755
 sempre bem-vindo junto ao meu altar; fui eu
 quem o purificou do sangue derramado;
 estou aqui também como seu defensor
 e, mais ainda, como responsável máximo
 pelo crime de morte contra sua mãe.

(Dirigindo-se a ATENA.)

Abre o debate e passa a conduzir a causa
sempre de acordo com a tua sapiência.

760

ATENA

(Dirigindo-se às Fúrias do CORO.)

Quero dizer-vos que a palavra agora é vossa
e declarar que estão abertos os debates.
Falando em primeiro lugar, o acusador
deve instruir-nos claramente sobre os fatos.

765

CORIFEU

Embora sendo muitas, falaremos pouco.

(Dirigindo-se a ORESTES.)

Dá a cada pergunta uma resposta lúcida;
dize primeiro se mataste a tua mãe.

ORESTES

Matei-a, sim, e não posso negar o fato.

CORIFEU

Já nos é favorável uma das três quedas³⁴.

770

ORESTES

Ainda não caí; por que te vanglorias?

CORIFEU

Revela, então, como te atreveste a matá-la.

ORESTES

Direi: com minha espada cortei-lhe a garganta.

CORIFEU

Quem te persuadiu? Que conselhos te deram?

ORESTES

(Apontando para APOLO.)

Foi este deus que agora é minha testemunha.

775

CORIFEU

O deus-profeta comandou o matricídio?

ORESTES

Foi ele, e não me queixarei de meu destino.

CORIFEU

Não pensarás assim após o veredicto!

ORESTES

Tenho fé em meu pai; ele me ajudará!

CORIFEU

Tu, que mataste a tua mãe, tens fé nos mortos?

780

ORESTES

Ela se maculou em dois assassinatos.

CORIFEU

Mas, como? Explica-te diante dos juízes!

ORESTES

Matando seu marido, ela matou meu pai!

CORIFEU

Mas vives, e ela já se redimiou morrendo.

ORESTES

E por que não a perseguiste e a puniste
com o doloroso exílio enquanto ela viveu?

785

CORIFEU

Em suas veias não corria o mesmo sangue
daquele homem cuja vida ela tirou.

ORESTES

Pensas que eu e ela somos consangüíneos?

CORIFEU

Quem senão ela te nutriu no próprio ventre?
Renegas, assassino, o precioso vínculo
que é o mesmo sangue unindo mãe e filho?

790

ORESTES

Dá-nos agora, Apolo, teu depoimento:
explica claramente se quando a matei
agi de acordo com os ditames da justiça.
Não vou negar a prática do ato em si,
mas desejo saber se em tua opinião
este homicídio pode ser justificado;
desfaz as minhas dúvidas e as dos juízes!

795

APOLO

Falar-vos-ei, membros do egrégio tribunal
recém-instituído pela deusa Atena,
seguindo os retos mandamentos da justiça
(sendo profeta, não posso dizer mentiras).
Do alto de meu santo trono oracular
jamais pronunciei uma simples palavra
falando a homens ou mulheres ou cidades,
que não fosse inspirada pelo próprio Zeus,
pai dos deuses olímpicos. Ficai atentos
à minha ponderosa justificação;
exorto-vos a prestar-lhe toda a atenção

800

805

810

e a ser submissos à vontade de meu pai;
juramento nenhum deve prevalecer
sobre os desígnios de Zeus todo-poderoso.

CORIFEU

Veio de Zeus, segundo tu mesmo disseste,
a determinação oracular a Orestes
para vingar o assassinato de seu pai
sem nada impor em relação à sua mãe?

815

APOLO

Sim, veio, pois é totalmente diferente
a morte de um herói ilustre, respeitado
por ser o detentor do cetro instituído
graças à vontade divina; mais ainda:
ele foi atingido por uma mulher
não com um arco excepcional de longo alcance,
desses usados pelas bravas amazonas,
e sim da forma insidiosa que ouvireis,
tu, Palas, e vós, os juízes impolutos,
sentados nesta corte para decidir
com vossos votos a questão em julgamento.
O marido voltava de uma guerra longa,
depois de vencer quase todas as batalhas;
sua mulher o recebeu com falso amor,
e levou-o a banhar-se; quando ele saía
da banheira sinistra, ela o envolveu
num longo manto e num instante o abateu,
preso naquele pano cheio de bordados
como se fosse uma armadilha sem saída.
Foi este o fim ignóbil de um herói sem par,
o comandante-em-chefe de naus incontáveis.
Minha intenção falando assim é despertar
a justa indignação das pessoas presentes
das quais depende agora a decisão da causa.

820

825

830

835

840

CORIFEU

Levando em consideração tuas palavras,
Zeus tem especial estima pelos pais;
ele, porém, acorrentou seu próprio pai,

o antigo Cronos; como conciliarás
tua argumentação com a conduta dele?³⁵

845

(Dirigindo-se aos juízes.)

Conclamo-vos a prestar atenção a isto.

APOLO

Ah! Monstros execrados por todos os seres,
e detestados pelos deuses imortais!
Zeus sabe desatar correntes e conhece
remédios para todas as situações
e numerosos meios para resolvê-las;
mas quando morre um homem e seu sangue quente
encharca a terra, nada o traz de volta à vida.
Meu pai não tem contra esse mal recurso algum,
ele que pode derribar ou levantar
todas as coisas sem a mínima fadiga.

850

855

CORIFEU

Atenta, então, ao modo pelo qual defendes
a inocência dele: deverá Orestes,
que derramou no chão o sangue maternal,
morar em Argos, no palácio de seu pai?
A que altares públicos de sua pátria
ele terá acesso para sacrifícios?
Que confraria lhe dará consentimento
para purificar-se com água lustral?

860

865

APOLO

Responderei também a isso e saberás
que todos os meus argumentos são corretos.
Aquele que se costuma chamar de filho
não é gerado pela mãe - ela somente
é a nutriz do germe nela semeado -;
de fato, o criador é o homem que a fecunda;
ela, como uma estranha, apenas salvaguarda
o nascituro quando os deuses não o atingem.
Oferecer-te-ei uma prova cabal
de que alguém pode ser pai sem haver mãe.

870

875

Eis uma testemunha aqui, perto de nós
- Palas, filha do soberano Zeus olímpico -,
que não cresceu nas trevas do ventre materno;
alguma deusa poderia por si mesma
ter produzido uma criança semelhante³⁶?
De minha parte, Palas, sábio como sou,
darei glória a teu povo e à tua cidade;
quanto a Orestes, que chegou até aqui
como teu suplicante, fui seu condutor
até a frente de teu templo e tua imagem;
ele te traz a sua eterna devoção
e a segurança de que terás nele mesmo
e em todos os seus descendentes no porvir
os aliados mais fiéis aos juramentos.

880

885

ATENA

(Dirigindo-se ao CORO das Fúrias.)

Devo chamar, então, os juízes presentes
para depositarem no fundo da urna
seus votos conscientes e bastante justos,
já que tudo foi ponderado e dito aqui?

890

CORIFEU

Já disparamos todas as flechas que tínhamos;
agora só nos interessa o veredicto.

895

ATENA

(Dirigindo-se a APOLO e a ORESTES.)

Em relação a vós, que me cumpre fazer
para não merecer vossa reprovação?

APOLO

(Dirigindo-se aos juízes.)

Ouvistes o que ouvistes; ao votar, amigos,
lembrai-vos do que vosso coração jurou.

ATENA

Prestai toda a atenção ao que instauro aqui,
atenienses, convocados por mim mesma
para julgar pela primeira vez um homem,
autor de um crime em que foi derramado sangue. 900
A partir deste dia e para todo o sempre
o povo que já teve como rei Egeu³⁷
terá a incumbência de manter intactas 905
as normas adotadas neste tribunal
na colina de Ares³⁸, onde as Amazonas,
iradas com Teseu³⁹, instalaram seus tronos
e ergueram suas tendas quando aqui chegaram 910
na tentativa de conquistar a cidade;
em frente à fortaleza dos atenienses
elas ergueram as muralhas altaneiras
da nova cidadela; nas proximidades
fizeram santos sacrifícios ao deus Ares,
dando por isso à elevação rochosa 915
o nome preservado de Colina de Ares.
Sobre esta elevação digo que a Reverência
e o Temor, seu irmão, seja durante o dia,
seja de noite, evitarão que os cidadãos 920
cometam crimes, a não ser que eles prefiram
aniquilar as leis feitas para seu bem
(quem poluir com lodo ou com eflúvios turvos
as fontes claras, não terá onde beber).
Nem opressão, nem anarquia: eis o lema 925
que os cidadãos devem seguir e respeitar.
Não lhes convém tampouco expulsar da cidade
todo o Temor; se nada tiver a temer,
que homem cumprirá aqui os seus deveres?
Se fordes reverentes ao poder legítimo, 930
nele tereis um baluarte inexpugnável
de vosso território e de vossa cidade,
como nenhum povo possui nem lá na Cítia⁴⁰,
nem mesmo na famosa pátria do herói Pêlops⁴¹.
Proclamo instituído aqui um tribunal 935
incorrupível, venerável, inflexível,
para guardar, eternamente vigilante,
esta cidade, dando-lhe um sono tranqüilo.
Eis a mensagem que vos quero transmitir,
atenienses, pensando em vosso futuro. 940

Levantai-vos agora de onde estais, juízes,
e decidi com vossos votos esta causa.

*(Os juízes levantam-se um de cada vez para
depositar os votos na urna, em quanto APOLO e o
CORIFEU altercam.)*

CORIFEU

Nossa presença pesará sobre esta terra
se tentares privar-nos de nossos direitos! 945

APOLO

De minha parte, exorto-vos a respeitar
as profecias que não são apenas minhas,
pois vêm de Zeus também! Não mateis os seus frutos!

CORIFEU

Estás intrometendo-te em crimes sangrentos,
que nada têm a ver com tuas profecias; 950
se persistires não terás os lábios puros
para exercer tuas funções oraculares.

APOLO

Então meu pai estava errado quando Ixíon⁴²,
o primeiro assassino, aproximou-se dele
pedindo proteção como seu suplicante? 955

CORIFEU

Disseste estas palavras! Se nos derrotares,
nossa presença trará males para Atenas!

APOLO

Sois desprezadas tanto pelos deuses novos
como pelos antigos! Vereis meu triunfo!

CORIFEU

No palácio de Feres⁴³ já agiste assim, 960

persuadindo as Parcas a dar vida eterna
a criaturas destinadas a morrer.

APOLO

Não pensais que é justo ser benevolente
com quem nos dirige uma prece reverente,
ainda mais quando precisa de socorro?

965

CORIFEU

Anulas a partilha feita há muito tempo
e enganas com teu vinho antigas divindades!

APOLO

Desgosta-vos a decisão a ser tomada
e apenas cuspireis sobre quem vos enfrenta
um veneno de agora em diante inofensivo.

970

CORIFEU

Sentes prazer em humilhar nossa velhice,
deus novo; espero ouvir o veredicto aqui,
freando a minha ira contra esta cidade.

ATENA

Serei a última a pronunciar o voto
e o somarei aos favoráveis a Orestes⁴⁴.
Nasci sem ter passado por ventre materno^{44a};
meu ânimo sempre foi a favor dos homens,
à exceção do casamento; apóio o pai.
Logo, não tenho preocupação maior
com uma esposa que matou o seu marido,
o guardião do lar; para que Orestes vença,
basta que os votos se dividam igualmente.

975

980

(Dirigindo-se aos juízes.)

Depositai depressa os votos nesta urna,
juízes incumbidos de uma decisão.

*(Os juízes depositam e pouco depois tiram os votos
da urna e se separam diante de ATENA.)*

ORESTES

Ah! Febo Apolo! Qual será o veredicto?

985

CORIFEU

Ah! Noite negra, nossa mãe! Vê tudo isto?

ORESTES

Degolam-me ou inda verei a luz do dia?

CORIFEU

E para nós a ruína, ou conservar ainda
nossas prerrogativas imemoriais!

APOLO

(Dirigindo-se aos juízes.)

Contai exatamente os votos, meus amigos;
ao separá-los evitai erros ou fraude.
Um voto a menos pode provocar desastres
e um voto a mais pode ressuscitar um lar.

990

(Os votos são mostrados a ATENA.)

ATENA

(Apontando para ORESTES.)

Ele foi absolvido de um crime de morte!
Os votos dividiram-se em somas iguais.

995

(Sai APOLLO.)

ORESTES

Atena, deusa salvadora de meu lar!
Depois de expulso até da terra de meus pais,

graças a ti ela me será devolvida!
 Ah! Finalmente poderei ouvir dos gregos:
 "Orestes hoje volta a ser um dos argivos
 e o dono do palácio em que seu pai morou!"
 Graças a Palas e a Loxias, e também
 graças a Zeus, o meu terceiro salvador,
 que sempre ressentido por causa da morte
 de meu querido pai e vendo a insistência
 das Fúrias em querer vingar a minha mãe,
 neste momento me concede a salvação!

1000

1005

(Dirigindo-se a ATENA.)

Quero fazer o juramento mais solene,
 eternamente válido, em tua cidade
 e na presença de teu povo generoso
 neste momento em que recupero meu lar:
 jamais um homem investido no poder
 em Argos, que é meu reino, empunhará as armas
 contra tua cidade; eu mesmo, de meu túmulo,
 provocarei a perdição dos transgressores
 do santo juramento feito neste instante,
 lançando sobre eles males sem remédio,
 tirando-lhes o ânimo durante a marcha
 e pondo em sua rota lúgubres presságios,
 levando-os a desistirem de seus planos,
 Se, ao contrário, houver o devido respeito
 às minhas palavras juradas e os argivos
 honrarem para sempre a cidade de Palas,
 e a socorrerem como fiéis aliados,
 hei de favorecê-los por todos os séculos.⁴⁵
 Digo-te adeus agora e também me despeço
 de teu valente povo! Habitantes de Atenas!
 Desejo que nas lutas contra os inimigos
 nenhum destes se salve, e vossas investidas
 vos tragam salvação e vitória na guerra!

1010

1015

1020

1025

1030

(Sai ORESTES.)

CORO

Ah! Deuses novos! Como espeziniais
 as leis antigas, pois arrebatais

de nossas mãos o que sempre foi nosso!
 E nós, infortunadas e menosprezadas,
 faremos com que este solo sinta
 o peso todo de nosso rancor!
 Ai! Ai de nós! Nosso mortal veneno
 vai ser a arma de cruel vingança!
 As gotas, destiladas uma a uma
 por nossos corações, custarão caro
 a este povo e à sua cidade;
 uma praga mortal sairá delas,
 fatal a todos os frutos da terra
 e aos vossos filhos! Ah! Nossa vingança!
 Caindo sobre vosso chão, a praga
 será a ruína deste território!
 Gememos sem saber o que fazer!
 Ah! Nós, filhas da tenebrosa Noite,
 sofremos a maior humilhação!

1035

1040

1045

ATENA

Ouvi-me: basta de soluços aflitivos!
 Não vos considereis vencidas, pois da urna
 saiu uma sentença ambígua, cujo efeito
 é pura e simplesmente dar força à verdade
 mas sem vos humilhar. Zeus todo-poderoso
 mandou sinais capazes de causar espanto,
 anunciando ao próprio Orestes que seu ato
 não acarretaria castigos divinos.
 Vossa vontade é derramar sobre esta terra
 a vossa ira; peço-vos que reflitais
 em vez de agir obedecendo aos vossos ímpetos;
 não insistais em tornar este solo estéril
 deixando transbordar de vossos lábios sacros
 uma espuma raivosa que destruiria
 todos os germes produtores de alimentos.
 Desejo oferecer-vos de maneira justa
 asilo e proteção nesta cidade; aqui,
 no trono de vossos altares reluzentes,
 tereis assento e o respeito de meu povo.

1050

1055

1060

1065

CORO

Ah! Deuses novos! Reduzis a nada
 as leis antigas, pois estais tirando

1070

de nossas mãos o que sempre foi nosso!

E nós, infornadas e aviltadas,
faremos com que este solo sinta
o peso todo de nosso rancor!

Ai! Ai de nós! Nosso mortal veneno
vai ser a arma de cruel vingança!

As gotas, destiladas uma a uma
por nossos corações, custarão caro
a este povo e à sua cidade;

uma praga mortal sairá delas,
fatal a todos os frutos da terra
e aos vossos filhos! Ah! Nossa vingança!

Caindo sobre vosso chão, a praga
será a ruína deste território!

Gememos sem saber o que fazer!

Ah! Nós, filhas da tenebrosa Noite,
sofremos a maior humilhação!

ATENA

Não fostes humilhadas; deveis evitar
que vossa imensa cólera vos estimule
a perseguir encarniçadamente os homens!

Deixai que a terra escute as preces deles, deusas!

Mas meu apoio é Zeus e - por que não dizer? -
apenas eu entre todas as divindades

sei a maneira de abrir o compartimento
onde os raios divinos estão encerrados
(aqui, porém, eles não nos são necessários).

Exorto-vos a crer sinceramente em mim!

Que vossas bocas furiosas nunca mais
lancem sobre este solo fértil maldições
capazes de matar tudo que existe aqui!

Deixai adormecer o lacerante ímpeto
dessa torrente de rancor e recebei
as honrarias que vos cabem por direito!

Vinde viver comigo aqui e neste solo;
a partir deste dia todas as primícias,
as oferendas todas pelos nascimentos

e pelos himeneus vos serão reservadas!

Ouvi-me e sempre louvareis o meu conselho!

1075

1080

1085

1090

1095

1100

1105

CORO

Nós, deusas muito antigas, não queremos
ter esta sorte e residir aqui
como seres impuros e malditos!

Não! Todas nós estamos respirando
a mais intensa cólera e vingança!

Ah! Terra e céu! Ah! Quanto sofrimento
invade agora nossos corações!

Ouve-nos, Noite! Ouve-nos, nossa mãe!

Deuses maliciosos e perversos
despojam-nos de nossas honrarias,
nunca negadas e hoje suprimidas!

1110

1115

ATENA

Perdoarei a vossa cólera incontida,
pois já vivestes realmente muito tempo.

Mas, se vosso conhecimento excede o meu,
Zeus me dotou também de alguma sapiência.

Se preferirdes ir para terras distantes,
lamentareis por não terdes ficado aqui.

Agora ireis ouvir a minha profecia:

o tempo, em seu fluxo incessante, há de trazer
glórias inda maiores para minha Atenas,
e vós, de vosso trono em solo esplendoroso,
ao lado da morada do rei Erecteu⁴⁶,

vereis chegarem numerosas procissões
de homens e mulheres para vos trazerem
presentes que em outros lugares não teríeis.

Mas, quanto a vós, quero pedir-vos um favor:
não empunheis esses sangrentos agulhões
que dilaceram peitos jovens, e sem vinho
os embriagam em furores delirantes.

Também espero que não seja vosso intuito
exacerbar, como se os homens fossem galos,
a cólera no coração dos cidadãos

e neles instilar a sede de homicídios
que lança irmãos insanamente contra irmãos
até levá-los ao extermínio recíproco;

deixai que eles preservem sua valentia
para lutar contra inimigos estrangeiros,

1120

1125

1130

1135

1140

1145

sempre ao alcance de quem traz no coração
um desejo febril de glória verdadeira,
mas não queremos ter notícia em tempo algum
de pássaros lutando na mesma gaiola.
Aqui está o que podeis obter de mim:
fazer e receber o bem e ser benditas
e veneradas numa terra mais que todas
querida pelos deuses, da qual vós sereis
desde este dia distinguidas cidadãs.

CORO

Nós, deusas muito antigas, não queremos
ter esta sorte e residir aqui
como seres impuros e malditos.
Não! Todas nós estamos respirando
a mais intensa cólera e vingança!
Ah! Terra e céu! Ah! Quanto sofrimento
invade agora nossos corações!
Ouve-nos, Noite! Ouve-nos, nossa mãe!
Deuses maliciosos e perversos
despojam-nos de nossas honrarias,
nunca negadas e hoje suprimidas!

ATENA

Jamais me cansarei de tentar convencer-vos
de que vos convém aceitar minhas promessas;
não quero que penseis que eu, deusa mais nova,
e os muitos habitantes de minha cidade,
tivemos a intenção de expulsar desta terra
deusas antigas em vez de homenageá-las.
Se venerais a sagrada Persuasão,
que faz minhas palavras parecerem mágicas
e cheias de doçura, concordai comigo
e sede para todo o sempre minhas hóspedes.
Mas, se não concordardes, sereis certamente
iníguas, deixando cair sobre a cidade
ódio, rancor e males contra os habitantes,
pois tendes minha permissão para gozar
de todos os direitos de cidadania,
glorificadas entre nós eternamente.

1150

1155

1165

1170

1175

1180

CORIFEU

Mas, onde moraremos, soberana Atena?

ATENA

Num lugar onde não há penas; aceitai-o!

CORIFEU

Se o aceitarmos, como nos distinguirão?

ATENA

Sem vossa bênção, nenhum lar prosperará.

1185

CORIFEU

Teremos com certeza todo este poder?

ATENA

Só terão minha proteção vossos devotos.

CORIFEU

E manterás tua palavra para sempre?

ATENA

Nada me obriga a prometer o que não quero.

CORIFEU

Abrandas meu rancor e renuncio ao ódio.

1190

ATENA

Ficando aqui, conquistareis novos amigos.

CORIFEU

Que bênçãos deveremos invocar agora
para tua cidade em nossos hinos? Dize!

ATENA

Aquelas que trazem vitórias sem tristeza.
Que soprem sobre esta cidade brisas calmas
vindas da terra, do profundo mar, do céu,
sob os raios propícios do brilhante sol!
Que o solo rico e os rebanhos nunca deixem
de dar prosperidade ao povo ateniense!
Que a semente dos homens seja protegida!
Que os descuidosos da veneração dos deuses
sejam ceifados sem nenhuma piedade,
pois como um jardineiro sempre cuidadoso
gosto de ver os mortais justos prosperarem
como uma plantação livre de ervas daninhas.
Aí estão as bênçãos que vós nos trareis.
Quanto às lides guerreiras, cuidarei eu mesma
de que elas sempre glorifiquem a cidade
proporcionando-lhe vitórias de seus homens.

CORO

Então queremos conviver com Palas
e nunca aviltaremos a cidade
que ela e Zeus onipotente e Ares
exaltam como invicta fortaleza,
brilhante baluarte dos altares
santificados por todos os deuses!
Alçamos nossos votos fervorosos
e nossas profecias mais propícias
para que o vívido esplendor do sol
faça brotar da terra generosa,
em transbordante e eterna plenitude,
as bênçãos que tornam feliz a vida!

ATENA

Levada pelo amor a este povo,
deixo com ele as deusas poderosas
mas de trato difícil; seu encargo
é dirigir a vida dos mortais.
Quem não pautar a conduta na vida
pelos ditames destas divindades
temíveis por seu poder incontestado,

não poderá compreender a origem
dos golpes que recebe em sua vida.
Por causa dos pecados de seus pais,
os homens são levados a enfrentá-las
e a morte muda, embora suas vítimas
tentem detê-las com palavras ásperas,
destrói-as em obediência apenas
ao rancor implacável destas deusas.

CORO

Que nunca os ventos cheios de miasmas
soprem para matar as vossas plantas!
Graças a nós o fogo irresistível,
cujo calor consome a floração,
nunca ultrapassará vossas fronteiras
e o triste mal destruidor das frutas
não se aproximará de vossas árvores!
Que os campos generosos sempre aumentem
as vistosas ovelhas fecundadas
para terem belos cordeiros gêmeos
quando chegar a hora prefixada!
E praza aos céus que as riquezas guardadas
no solo cheio de grandes tesouros
vos permitam retribuir aos deuses
as dádivas do ganho inesperado!

ATENA

Ouvistes, guardiães desta cidade,
o que elas deverão fazer por vós?
Grande poder têm as augustas Fúrias
junto aos deuses do Olimpo e mais ainda
às divindades do profundo inferno.
Para os mortais são elas que, sem dúvida
e plenamente, dão a uns razões
para cantar e a outros para o pranto.

CORO

Livramo-vos da morte prematura
que ceifa impiedosamente os jovens.
Vós, que determinais a vida humana,

divinas Parcas⁴⁷, filhas como nós
da negra Noite, distribuidoras
da equidade, vós que sois os árbitros
da sorte de todas as criaturas, 1265
proporcionai às virgens a ventura
de ter um dia esposos a seu lado!
Vós, que tendes lugares exclusivos
nos lares, confirmai vossa presença 1270
de paladinas da sacra justiça,
deusas mais respeitadas neste mundo!

ATENA

Alegra-me que com bons sentimentos
vós concordeis em confirmar as bênçãos
para minha cidade; manifesto-me 1275
grata à Persuasão, cujos olhares
guiaram minha voz e os lábios meus
em face de vossa feroz recusa.
Prevaleceu a vontade de Zeus,
inspirador de todas as palavras, 1280
e minha pertinácia benfazeja
triumfa para toda a eternidade.

CORO

Jamais possa a discórdia insaciável
vociferar possessa na cidade,
e o pó da terra nunca mais absorva
o sangue escuro de seus próprios filhos 1285
por causa de paixões inspiradoras
de lutas fratricidas oriundas
da ânsia irresistível de vingança
que leva os homens à destruição! 1290
Possam as criaturas, ao contrário,
trazer contentamento umas às outras,
unânimes no amor e no rancor!
Esta é a cura de males sem número
que afligem a existência dos mortais. 1295

ATENA

Poder-se-á dizer que descobristes
a via dos desejos amistosos?

Vossos rostos esquálidos prometem
grandes vantagens para este povo.
Se vosso amor responde ao seu amor 1300
e fordes veneradas para sempre,
mostrar-vos-eis unânimes ao mundo,
levando minha terra - esta cidade -
pelos caminhos retos da justiça.

CORO

Sede felizes na posse dos bens
abençoados da prosperidade! 1305
Sede felizes, cidadãos de Atenas,
sentados perto da Virgem de Zeus⁴⁸,
prestando-lhe as devidas homenagens
enquanto aprendeis a sabedoria 1310
a cada dia; quem é protegido
pelas asas de Palas, terá sempre
a consideração de Zeus, seu pai.

ATENA

Sede também felizes! Marcharei
à vossa frente para vos mostrar 1315
vossa morada, sob as santas luzes
da procissão que deverá seguir-nos;
levai convosco pias oferendas,
descei para as profundezas da terra,
retende longe de nós todo mal 1320
e mandai-nos de lá muita ventura,
para o triunfo constante de Atenas!
E vós, senhores de minha cidade,
filhos de Crânaos⁴⁹, mostrai a rota 1325
a estas recém-vindas habitantes.
Que os cidadãos, para seu benefício,
tenham somente pensamentos bons!

CORO

Tornamos a dizer: sede felizes,
vós todos que morais nesta cidade,
mortais ou deuses; ela é de Palas; 1330
pedimos-lhe que seja reverente

já que nos outorgou cidadania;
e vós em tempo algum vos queixareis
da sorte que o destino vos reserva!

ATENA

Merece aplausos vossa invocação
e vos conduzirei à luz brilhante
de tochas até vossa residência
nas entranhas da terra, em companhia
de minhas seguidoras, guardiãs
de minha imagem consagrada. Os olhos
da terra de Teseu⁵⁰ irão conosco
- cortejo glorioso de matronas,
de virgens e mulheres veneráveis.
Adornai-vos com vestidos de púrpura
e destacai o fogo destas tochas
para que a companhia generosa
das novas cidadãs nos traga sempre
a bênção de excelentes gerações.

PROCISSÃO

Marchai à frente, divindades fortes,
filhas sem filhos da fecunda Noite,
sedentas de homenagens, ombreando
com um cortejo composto de amigos
até chegar à gruta subterrânea.
- Pronunciai bons votos, habitantes! -
Lá vos esperam santas oferendas
e sereis cultuadas como deusas.
- Pronunciai bons votos, habitantes! -
Propícias e leais a esta terra,
seguí vosso caminho, augustas deusas;
rejubilai-vos com a luz das tochas
que, afogueadas, indicam a rota.
- Gritai agora, obedecendo aos ritos,
numa resposta ao nosso canto estrídu! -

(Grito prolongado.)

O povo preferido por Atena
acaba de ganhar a paz aqui
para a felicidade de seus lares,

e assim vemos selar-se a união
entre as Parcas e Zeus onividente!
- Gritai agora, obedecendo aos ritos,
numa resposta ao nosso canto estrídu!

(Grito prolongado.)

FIM

1335

1340

1345

1350

1355

1360

1365